

CORREIO
ESPECIAL

CORREIO DA BAHIA

Festas e lavagens

Salvador, domingo, 02 de dezembro de 2007

Caldeirão baiano

Devoção e tolerância são os ingredientes do sincretismo que marca a cultura religiosa do estado

PMS	FMLI	GERIN
BIBLIOTECA		
Jornal		
Correio da Bahia		
Data		
02/12/07		
Caderno		
Correio Especial 128		
Seção		
Assunto		
Festa Popular		



Jairo Costa Júnior

Dona Maria tem em casa uma imagem de São Jorge, de quem é devota fervorosa, mas reverencia também Oxóssi com igual intensidade. Entre uma missa e outra na Igreja Católica, participa das comemorações e cultos no terreiro de candomblé do bairro onde mora. Ouve a pregação do padre, contudo não dispensa os conselhos da mãe-de-santo do coração. Tal relato é ficção, mas ocorre na Bahia com a mesma facilidade com que se ouve um pagode "quebradeira" na esquina mais próxima. Esta capacidade de fusão entre doutrinas tão distantes entre si é o que se tornou conhecido como sincretismo religioso.

O fenômeno, ainda bastante confundido com outras interações culturais, vem colocando frente a frente, pelo menos nos últimos 30 anos, duas correntes de pensamento: aqueles que preferem manter a tradição sem rupturas e os que acreditam que a mistura religiosa foi necessária no passado, mas atualmente serve apenas para profanar o candomblé e alimentar o consumo. Para entender a raiz desse hibridismo da fé é preciso dar uma vasculhada na casa grande e na senzala.

Os livros de história já tocam no assunto, mas não custa relembrar. Escravos trazidos da África, que cultuavam suas divindades, os orixás, não possuíam liberdade religiosa entre grades e grillhões. Caso insistissem nas "feitiçarias de negrinhos", a madeira piava. Usando de artifícios, os negros passaram a colocar os santos em altares, mas por baixo deles continuavam fazendo suas oferendas para os protetores espirituais.

tra o sincretismo religioso.

Em 1983, ano da II Conferência Mundial das Tradições dos Orixás, ocorrida em Salvador, a mãe-de-santo mostrou por que é considerada a mais politizada de todas as ialorixás do Brasil. Junto com representantes de outros terreiros, divulgou um manifesto onde pedia a separação total das práticas das duas religiões. Até hoje, ficou famosa uma de suas frases dita na ocasião: "Iansã não é Santa Bárbara".

Para o vice-presidente da sociedade mantenedora do Opô Afonjá, o maranhense José de Ribamar Feitosa, radicado na Bahia desde 1962, desde que mãe Stella levantou a bandeira do anti-sincretismo, muita coisa mudou na casa. "As missas que antecederiam algumas celebrações foram abolidas e as imagens dos santos católicos foram levadas para o museu do terreiro. Afinal, não somos parte de uma seita e, sim, de uma re-

igrejas, assim como os católicos sempre serão bem vindos nos terreiros. A questão é somente de pureza doutrinária", avalia o padre.

Teólogo, como todo sacerdote de sua categoria, padre Manoel afirma que as pessoas sequer se dão conta do sincretismo em suas vidas, sobretudo na Bahia, onde os traços africanos são mais fortes. "Ele está entranhado, pois é um processo cultural, que se manifesta também na religião. Dona Maria, quando vai à missa e dá o caruru dos sete meninos, sequer se dá conta de que integra esse movimento de mistura entre doutrinas", aponta.

"O que não deve ser confundido com interculturalização, a interpenetração entre culturas. O exemplo máximo disso pode ser visto na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos (Pelourinho), onde as missas possuem elementos africanos na língua, na sonoridade, mas mantêm a mesma dinâmica e os mesmos elementos das celebrações de outras igrejas. Não há os ritos do candomblé ali", esquadrinha padre Manoel.

Novos ventos - Assim como mãe Stella, padre Manoel acredita que a separação está mais próxima de acontecer do que há 20, 30 anos. E esta mudança é capitaneada pela juventude católica e do candomblé. "Em movimentos novos como a renovação carismática, ou grupos de oração, não há nenhum fiel 'sincrético'", garante. O mesmo fenômeno também acontece onde tocam os atabaques.

"O terreiro que frequento aboliu a mistura. Já mantemos a...

Caldeirão baiano

Devoção e tolerância são os ingredientes do sincretismo que marca a cultura religiosa do estado

PMS	FMLI	SERIN
BIBLIOTECA		
Jornal		
Correio da Bahia		
Data		
02/12/07		
Caderno		
Correio Especial 108		
Seção		
Assunto		
Festa Popular		



Jairo Costa Júnior

Dona Maria tem em casa uma imagem de São Jorge, de quem é devota fervorosa, mas reverencia também Oxóssi com igual intensidade. Entre uma missa e outra na Igreja Católica, participa das comemorações e cultos no terreiro de candomblé do bairro onde mora. Ouve a pregação do padre, contudo não dispensa os conselhos da mãe-de-santo do coração. Tal relato é ficção, mas ocorre na Bahia com a mesma facilidade com que se ouve um pagode "quebradeira" na esquina mais próxima. Esta capacidade de fusão entre doutrinas tão distantes entre si é o que se tornou conhecido como sincretismo religioso.

O fenômeno, ainda bastante confundido com outras interações culturais, vem colocando frente a frente, pelo menos nos últimos 30 anos, duas correntes de pensamento: aqueles que preferem manter a tradição sem rupturas e os que acreditam que a mistura religiosa foi necessária no passado, mas atualmente serve apenas para profanar o candomblé e alimentar o consumo. Para entender a raiz desse hibridismo da fé é preciso dar uma vasculhada na casa grande e na senzala.

Os livros de história já tocam no assunto, mas não custa relembrar. Escravos trazidos da África, que cultuavam suas divindades, os orixás, não possuíam liberdade religiosa entre grades e grilhões. Caso insistissem nas "feitiçarias de negrinhos", a madeira piava. Usando de artifícios, os negros passaram a colocar os santos em altares, mas por baixo deles continuavam fazendo suas oferendas para os protetores espirituais.

Assim, na impossibilidade de adorar Ogum abertamente, Santo Antonio mantinha a fachada. Se o louvor era direcionado a Iemanjá, Nossa Senhora acabava fazendo as vezes de dona da casa. Oxumaré virava São Bartolomeu; Oxalá, Jesus Cristo; e Iansã, Santa Bárbara. Isto, claro, a depender do estado onde os cultos eram realizados. Um dos exemplos máximos dessa adaptação religiosa pode ser visto a cada 27 de setembro, quando muitos devotos, sejam do candomblé ou do catolicismo, cortam mundos e fundos de quiabos para o tradicional caruru em homenagem aos ibejis, mimetizados nos santos gêmeos Cosme e Damião.

Pureza - Coisa semelhante ocorre nas festas populares, que pipocam em banhos por toda a Salvador, sobretudo no Verão. Devotos de ambas as religiões costumam se reunir em folgedos como as lavagens do Senhor do Bonfim e no 2 de fevereiro, quando Iemanjá é homenageada nas ruas do Rio Vermelho. Porém, a coexistência pacífica entre os que carregam em si elementos do candomblé ou do catolicismo, ou dos dois juntos, foi balançada quando uma das mais influentes ialorixás do país, mãe Stella, assumiu o comando do Ilê Axé Opô Afonjá, em São Gonçalo do Retiro. De pronto, bradou forte con-

tra o sincretismo religioso.

Em 1983, ano da II Conferência Mundial das Tradições dos Orixás, ocorrida em Salvador, a mãe-de-santo mostrou por que é considerada a mais politizada de todas as ialorixás do Brasil. Junto com representantes de outros terreiros, divulgou um manifesto onde pedia a separação total das práticas das duas religiões. Até hoje, ficou famosa uma de suas frases dita na ocasião: "Iansã não é Santa Bárbara".

Para o vice-presidente da sociedade mantenedora do Opô Afonjá, o maranhense José de Ribamar Feitosa, radicado na Bahia desde 1962, desde que mãe Stella levantou a bandeira do anti-sincretismo, muita coisa mudou na casa. "As missas que antecediam algumas celebrações foram abolidas e as imagens dos santos católicos foram levadas para o museu do terreiro. Afinal, não somos parte de uma seita e, sim, de uma religião", aponta.

Do lado "europeizado" da questão, quem também levantou a voz, ou melhor, a caneta contra o sincretismo foi um dos mais célebres arcebispos primazes do Brasil, o polêmico cardeal D. Lucas Moreira Neves. Entre um dos seus atos mais conhecidos, o líder religioso mexeu num vespeiro: mandou fechar, em 1998, o adro da Igreja do Bonfim às baianas e suas jarras de água-de-cheiro. Desde então, lavagem mesmo só nas escadarias.

"Muitos dizem que D. Lucas perseguia os adeptos do candomblé. Isso não corresponde à verdade. O cardeal sempre foi contra o sincretismo, assim como mãe Stella", assinala padre Manoel Filho, coordenador da Pastoral e Comunicação da Arquidiocese de Salvador. O sacerdote destaca que a posição do Vaticano hoje é a mesma de anos atrás: a manutenção da fidelidade doutrinária, a não-mistura entre os ritos, que na verdade só possuem em comum o aspecto histórico.

Cultura - "O sincretismo é um processo que foi construído. Portanto, pode ser desconstruído. Claro que sem intolerância, apenas separando os elementos que cada religião possui. Os adeptos do candomblé continuarão a ser bem recebidos nas

igrejas, assim como os católicos sempre serão bem vindos nos terreiros. A questão é somente de pureza doutrinária", avalia o padre.

Teólogo, como todo sacerdote de sua categoria, padre Manoel afirma que as pessoas sequer se dão conta do sincretismo em suas vidas, sobretudo na Bahia, onde os traços africanos são mais fortes. "Ele está entranhado, pois é um processo cultural, que se manifesta

também na religião. Dona Maria, quando vai à missa e dá o caruru dos sete meninos, sequer se dá conta de que integra esse movimento de mistura entre doutrinas", aponta.

"O que não deve ser confundido com interculturalização, a interpenetração entre culturas. O exemplo máximo disso pode ser visto na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos (Pelourinho), onde as missas possuem elementos africanos na língua, na sonoridade, mas mantêm a mesma dinâmica e os mesmos elementos das celebrações de outras igrejas. Não há os ritos do candomblé ali", esquadrinha padre Manoel.

Novos ventos - Assim como mãe Stella, padre Manoel acredita que a separação está mais próxima de acontecer do que há 20, 30 anos. E esta mudança é capitaneada pela juventude católica e do candomblé. "Em movimentos novos como a renovação carismática, ou grupos de oração, não há nenhum fiel 'sincrético', garante. O mesmo fenômeno também acontece onde tocam os atabaques.

"O terreiro que frequento aboliu a mistura. Só mantemos algumas tradições por causa dos mais velhos. É que o candomblé respeita muito os antigos, a idade e a hierarquia. Para estes, seria uma ruptura muito profunda e difícil de aceitar", justifica a design gráfica Isabel Ribeiro, ekede do Ilê Axé Iomindê, na Federação. Durante a festa em reverência a Omolu, em agosto, é fácil ver adeptos da religião afro-brasileira participarem da missa em homenagem a São Lázaro, cuja imagem ainda entra no Iomindê.

Apesar da contracorrente, várias ialorixás e babalorixás ainda mantêm alguns ritos católicos em seus terreiros. É o caso da Casa Branca, na Avenida Vasco da Gama, e do Gantois, na Federação, cujo grande símbolo, mãe Menininha, sempre foi favorável à mistura. Entre o purismo e a tradição, só a convivência pacífica liberta de verdade. É o que defende o antropólogo e artista visual Renato da Silveira, um apaixonado pela cultura e religião afro-brasileiras: "A posição correta é o respeito à diversidade e acabou-se. O resto se resolve na prática". Tambor ou órgão, hóstia ou oferenda, pano-da-costa ou batina, ou tudo ao mesmo tempo agora, isso não importa tanto quando o assunto é a fé que cada qual traz em si.

Festas e lavagens

Este ano, mais uma vez, devotos não terão acesso ao quartel dos bombeiros, interditado por falta de segurança

Santa Bárbara e Iansã mobilizam Pelourinho

Ciro Brigham

Uma entidade sem registros exatos de existência, cuja versão mais conhecida confere-lhe o manto de vítima da intolerância religiosa na Heliópolis (Líbano) no século IV (época do imperador Diocleciano), é a primeira a receber homenagens no ciclo de festas populares que abarrotam as ruas de Salvador de referências mitológicas, entre dezembro e fevereiro. A padroeira dos bombeiros, Santa Bárbara, é festejada no próximo dia 4 com direito a alvorada festiva, missa campal no Pelourinho, procissão pelas ruas do Centro Histórico e tradicional caruru. Iansã, deusa iorubana dos ventos e raios que sobreviveu no Brasil associada a Santa Bárbara quando o culto ao candomblé era proibido, também recebe o calor de seus devotos.

Como tudo em matéria de religião na Bahia, Santa Bárbara e Iansã, ambas representadas pelas cores vermelha e branca, acabam fundidas numa síntese de comemorações transversais permissivas que escapam ao velho autoritarismo das doutrinas para se jogar nos braços do povo. Perpetuar a história de mártires e divindades à moda baiana é ouvir atabaques na porta de uma igreja sabendo que nem Deus nem Oxalá ficarão melindrados. É assim que a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, no Pelourinho, se transforma no ponto cardeal dos festejos que congregam e congraçam a todos.

Restrição - Este ano, os devotos procedentes da Igreja voltam a ter acesso negado à sede do quartel do Primeiro Grupamento de Bombeiros Militares de Salvador (GMB), rota tradicional de passagem da procissão. A coordenadoria da corporação autorizou apenas a pintura do prédio e uma pequena reforma de contenção das laterais, ajustes paliativos que ainda não garantem a segurança do local, interditado para grandes aglomerações ano passado por recomendação do Ministério Público Estadual (MPE). Segundo o coronel Sérgio Alberto da Silva Barbosa, coordenador do Corpo de Bombeiros, o projeto de reforma geral será executado em 2008.

Tudo deve acontecer como no ano passado, quando a imagem da padroeira dos bombeiros foi carregada por uma única guarnição em desfile simbólico, dando apenas uma volta rápida no pátio antes de retornar à rua, com a multidão a esperar do lado de fora. A bênção do capelão será dada na parte externa do prédio e o caruru dos amigos dos bombeiros, servido na Casa de Angola.

Em 2006, os problemas de alvenaria, na rede elétrica, infiltrações e corrosões geraram laudo técnico emitido pelo Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura (Crea-BA), que desaconselhou aglomeração nas instalações. As más condições do prédio (que não é tombado) foram denunciadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Foi um comunicado extra-oficial do órgão que motivou a interdição preventiva do imóvel, recomendada pe-



Evandro Veiga

Devoção completa 366 anos na Bahia

O culto a Santa Bárbara em Salvador teve início por volta de 1641, quando o mercado que leva o seu nome ainda funcionava ao pé da Ladeira da Montanha. Na época, a festa era organizada por barraqueiros da cidade baixa, que dividiam as despesas dos preparativos. Como não havia imandade religiosa envolvida (somente adeptos do candomblé, que se valiam do sincretismo para professar sua fé), a visibilidade era bem menor que a de outros festejos, como o de Nossa Senhora da Conceição

da Praia, Nosso Senhor dos Navegantes, Festa de Reis e Lavagem do Bonfim.

Já no século XX, a festa de Santa Bárbara quase acabou: em 1937, houve apenas missa comemorativa, sem procissão nem caruru. Os sucessivos incêndios no antigo local motivaram sua transferência para o atual Mercado de Santa Bárbara, na Baixa dos Sapateiros. Na segunda metade da década de 1960, os festejos ganharam visibilidade com a participação do Corpo de Bombeiros.

Em 1969, o papa Paulo VI retirou Santa Bárbara (e outros santos) do calendário comemorativo dos católicos, alegando falta de provas materiais da sua existência. Mesmo sem processo de canonização, a santa permaneceu viva como fruto da tradição popular e continuou a ser cultuada sem o aval do Vaticano, até que, em 2002, a Igreja (João Paulo II) voltou a reconhecer os festejos de Santa Bárbara como parte integrante do calendário oficial católico.

A devoção a Santa Bárbara, iniciada há 366 anos na Bahia, se confunde com o culto a Iansã, orixá dos ventos e raios

Caruru gigante bate novo recorde

A ialorixá Risalva Silva Soares, do Terreiro Jurema (Pintangueiras de Brotas), volta a ser notícia durante os festejos de Santa Bárbara pelo mesmo motivo: a quantidade de quiabos doados para o maior caruru já distribuído na Bahia, em nome de Iansã. A diferença de 2006 para hoje está nos números, que simplesmente dobraram. Os 77 mil quiabos do ano passado viraram inacreditáveis 154 mil, parte de um investimento de R\$19.800. "Bancado pelos filhos-de-santo e pessoas que me amam", frisa a sacerdotisa.

Para o xinxim, mais de 800kg de frango. Ainda tem os 120kg de cebolas, as dez caixas de tomates e os 12 sacos de 50kg de camarão, grande desafio para a capacidade de trabalho e devoção das mesmas 80 pessoas que se desdobraram na façanha de um ano atrás. "Eu quero é uma festa chiquérrima para a minha mãe Iansã, que é a mais poderosa de todas as orixás", decreta Risalva, cheia de orgulho.

renda foi consequência da última graça alcançada por intermédio da entidade. "Minha nora estava condenada por um câncer no fígado. Eu pedi por ela a minha mãe Iansã, chorando desesperada, e com 21 dias

recebi o resultado da biópsia: minha nora estava curada. Existe presente maior?", diz a ialorixá, antes de informar que haverá um helicóptero a despejar pétalas de rosas vermelhas durante as homenagens.



Evandro Veiga

Risalva vai preparar caruru de 154 mil quiabos: 'Quero uma festa

SINCRETISMO É...

Paulo M. Azevedo

"A fusão de várias religiões, vários povos, várias raças. Não existe distinção quando todos se reúnem. É uma mistura de idéias, de pensamentos, de crenças. A Bahia ilustra bastante o que significa o sincretismo nas festas populares. O povo se une, cada um com seu interesse, mas todos juntos. Isso é sincretismo".

PAULO ARAGÃO.

21 anos, estudante de direito



- PROGRAMAÇÃO**
- 5h - Alvorada festiva com queima de fogos em frente à Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos (Pelourinho);
 - 7h - Primeira missa, com recepção aos novos devotos;
 - 10h - Missa campal no Largo do Pelourinho celebrada pelo pároco Gabriel dos Santos e demais sacerdotes;
 - 11h30 - Procissão pelas ruas do Centro Histórico, com homenagens no Corpo de Bombeiros (Baixa dos Sapateiros) e Mercado de Santa Bárbara, retornando à igreja.
 - 15h - Lançamento do CD Cânticos de Santa Bárbara no Largo do Pelourinho.

Ciro Brigham

Uma entidade sem registros exatos de existência, cuja versão mais conhecida confere-lhe o manto de vítima da intolerância religiosa na Heliópolis (Líbano) no século IV (época do imperador Diocleciano), é a primeira a receber homenagens no ciclo de festas populares que abarrotam as ruas de Salvador de referências mitológicas, entre dezembro e fevereiro. A padroeira dos bombeiros, Santa Bárbara, é festejada no próximo dia 4 com direito a alvorada festiva, missa campal no Pelourinho, procissão pelas ruas do Centro Histórico e tradicional caruru. Iansã, deusa iorubana dos ventos e raios que sobreviveu no Brasil associada a Santa Bárbara quando o culto ao candomblé era proibido, também recebe o calor de seus devotos.

Como tudo em matéria de religião na Bahia, Santa Bárbara e Iansã, ambas representadas pelas cores vermelha e branca, acabam fundidas numa síntese de comemorações transversais permissivas que escapam ao velho autoritarismo das doutrinas para se jogar nos braços do povo. Perpetuar a história de mártires e divindades à moda baiana é ouvir atabaques na porta de uma igreja sabendo que nem Deus nem Oxalá ficarão melindrados. É assim que a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, no Pelourinho, se transforma no ponto cardeal dos festejos que congregam e congoçam a todos.

Restrição - Este ano, os devotos procedentes da Igreja voltam a ter acesso negado à sede do quartel do Primeiro Grupamento de Bombeiros Militares de Salvador (GMB), rota tradicional de passagem da procissão. A coordenação da corporação autorizou apenas a pintura do prédio e uma pequena reforma de contenção das laterais, ajustes paliativos que ainda não garantem a segurança do local, interditado para grandes aglomerações ano passado por recomendação do Ministério Público Estadual (MPE). Segundo o coronel Sérgio Alberto da Silva Barbosa, coordenador do Corpo de Bombeiros, o projeto de reforma geral será executado em 2008.

Tudo deve acontecer como no ano passado, quando a imagem da padroeira dos bombeiros foi carregada por uma única guarnição em desfile simbólico, dando apenas uma volta rápida no pátio antes de retornar à rua, com a multidão a esperar do lado de fora. A bênção do capelão será dada na parte externa do prédio e o caruru dos amigos dos bombeiros, servido na Casa de Angola.

Em 2006, os problemas de alvenaria, na rede elétrica, infiltrações e corrosões geraram laudo técnico emitido pelo Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura (Crea-BA), que desaconselhou aglomeração nas instalações. As más condições do prédio (que não é tombado) foram denunciadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Foi um comunicado extra-oficial do órgão que motivou a interdição preventiva do imóvel, recomendada pelo Ministério Público Estadual.



Devoção completa 366 anos na Bahia

O culto a Santa Bárbara em Salvador teve início por volta de 1641, quando o mercado que leva o seu nome ainda funcionava ao pé da Ladeira da Montanha. Na época, a festa era organizada por barraqueiros da cidade baixa, que dividiam as despesas dos preparativos. Como não havia imandade religiosa envolvida (somente adeptos do candomblé, que se valiam do sincretismo para professar sua fé), a visibilidade era bem menor que a de outros festejos, como o de Nossa Senhora da Conceição

da Praia, Nosso Senhor dos Navegantes, Festa de Reis e Lavagem do Bonfim.

Já no século XX, a festa de Santa Bárbara quase acabou: em 1937, houve apenas missa comemorativa, sem procissão nem caruru. Os sucessivos incêndios no antigo local motivaram sua transferência para o atual Mercado de Santa Bárbara, na Baixa dos Sapateiros. Na segunda metade da década de 1960, os festejos ganharam visibilidade com a participação do Corpo de Bombeiros.

Em 1969, o papa Paulo VI retirou Santa Bárbara (e outros santos) do calendário comemorativo dos católicos, alegando falta de provas materiais da sua existência. Mesmo sem processo de canonização, a santa permaneceu viva como fruto da tradição popular e continuou a ser cultuada sem o aval do Vaticano, até que, em 2002, a Igreja (João Paulo II) voltou a reconhecer os festejos de Santa Bárbara como parte integrante do calendário oficial católico.

A devoção a Santa Bárbara, iniciada há 366 anos na Bahia, se confunde com o culto a Iansã, orixá dos ventos e raios

SINCRETISMO É...

"A fusão de várias religiões, vários povos, várias raças. Não existe distinção quando todos se reúnem. É uma mistura de idéias, de pensamentos, de crenças. A Bahia ilustra bastante o que significa o sincretismo nas festas populares. O povo se une, cada um com seu interesse, mas todos juntos. Isso é sincretismo".

PAULO ARAGÃO.

21 anos, estudante de direito



Paulo M. Azevedo

Caruru gigante bate novo recorde

A ialorixá Risalva Silva Soares, do Terreiro Jurema (Pintangueiras de Brotas), volta a ser notícia durante os festejos de Santa Bárbara pelo mesmo motivo: a quantidade de quiabos doados para o maior caruru já distribuído na Bahia, em nome de Iansã. A diferença de 2006 para hoje está nos números, que simplesmente dobraram. Os 77 mil quiabos do ano passado viraram inacreditáveis 154 mil, parte de um investimento de R\$19.800. "Bancado pelos filhos-de-santo e pessoas que me amam", frisa a sacerdotisa.

Para o xinxim, mais de 800kg de frango. Ainda tem os 120kg de cebolas, as dez caixas de tomates e os 12 sacos de 50kg de camarão, grande desafio para a capacidade de trabalho e devoção das mesmas 80 pessoas que se desdobraram na feitura de um ano atrás. "Eu quero é uma festa chiquérrima para a minha mãe Iansã, que é a mais poderosa de todas as orixás", decreta Risalva, cheia de orgulho. Dobrar a quantidade da oferenda foi consequência da última graça alcançada por intermédio da entidade. "Minha nora estava condenada por um câncer no fígado. Eu pedi por ela a minha mãe Iansã, chorando desesperada, e com 21 dias

recebi o resultado da biópsia: minha nora estava curada. Existe presente maior?", diz a ialorixá, antes de informar que haverá um helicóptero a despejar pétalas de rosas vermelhas durante as homenagens.

recebi o resultado da biópsia: minha nora estava curada. Existe presente maior?", diz a ialorixá, antes de informar que haverá um helicóptero a despejar pétalas de rosas vermelhas durante as homenagens.



Evandro Veiga

Risalva vai preparar caruru de 154 mil quiabos: 'Quero uma festa chiquérrima para a minha mãe Iansã'

PROGRAMAÇÃO

5h - Alvorada festiva com queima de fogos em frente à Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos (Pelourinho);

7h - Primeira missa, com recepção aos novos devotos;

10h - Missa campal no Largo do Pelourinho celebrada pelo pároco Gabriel dos Santos e demais sacerdotes;

11h30 - Procissão pelas ruas do Centro Histórico, com homenagens no Corpo de Bombeiros (Baixa dos Sapateiros) e Mercado de Santa Bárbara, retornando à igreja.

15h - Lançamento do CD Cânticos de Santa Bárbara no Largo do Pelourinho, pela Fundação Gregório de Mattos



Festas e lavagens

Apesar da expressiva participação popular, organizadores reclamam da falta de apoio governamental

Homenagem a Conceição da Praia deve reunir 15 mil

Adriana Jacob

Cerca de 15 mil fiéis devem participar das celebrações em homenagem a Nossa Senhora da Conceição da Praia, padroeira da Bahia, no dia 8 de dezembro. Apesar da participação popular expressiva, este ano a paróquia enfrenta o desafio da falta de apoio dos poderes públicos. "Esta é a primeira vez que o governador não nos ajudou em nada. A prefeitura também tem sido omissa", critica o pároco da igreja, padre Adilton Pinto Lopes.

As festividades em louvor à santa trazida para o Brasil há 458 anos, por Thomé de Souza, tiveram início um dia mais cedo este ano, na última quarta-feira, 28, com a Bênção do Santíssimo, seguida de procissão da Igreja dos Afritos até a Conceição da Praia. "Não contamos nem com o apoio da Superintendência de Engenharia de Tráfego (SET) nessa caminhada, que reuniu cerca de 500 pessoas. Também não colocaram a iluminação, o que compromete a segurança dos fiéis. No ano passado, só trouxeram as lâmpadas nos três últimos dias, para a festa profana", acrescenta o pároco.

Por meio de sua assessoria de imprensa, a prefeitura municipal de Salvador informou que a Secretaria de Serviços Públicos havia iniciado, no mesmo dia em que nossa reportagem foi finalizada (30), a instalação de lâmpadas na frente da igreja. Apesar de não ter sido esclarecido porque a SET não enviou efetivo para a procissão, a assessoria garantiu que o órgão estaria presente no restante do evento.

Já a assessoria do governador Jacques Wagner informou que não foi identificado nenhum pedido de apoio aos festejos da Conceição da Praia. O gabinete confirma apenas o recebimento de um convite para a participação do governador nas celebrações do dia 7 de dezembro.

Devoção - Mesmo com as dificuldades, o padre Adilton garante que a participação popular tem sido expressiva. "Na procissão, as pessoas se emocionaram: jogavam beijos para a imagem, choravam, se benziam. Outras fazem questão de vir aqui no templo, trazem flores. Trata-se de um reflexo das características de



Antonio Queirós

A devoção a Nossa Senhora da Conceição da Praia surgiu no Brasil há 458 anos, trazida por Thomé de Souza



Paulo M. Azevedo

Padre Adilton, em missa que marcou a despedida da imagem de Nossa Senhora Aparecida: 'Estamos sem apoio'

Nossa Senhora, sobretudo de delicadeza e pureza", descreve.

Nos próximos dias, a programação da novena segue com missas às 7h30, 8h30, 17h30 e 19h30. Três padres de outras paróquias vieram ao templo especialmente para ouvir as confissões, sempre das 16h30 às 18h30.

Mas o ponto alto das celebrações será no próximo sábado, 8 de dezembro. O dia

dedicado à padroeira começa às 6h, com missa celebrada pelo pároco Adilton Lopes. Na sequência, às 7h30, o vigário paroquial Valson Santos Sandes é o responsável pela celebração.

Às 9h30, quando a frente da primeira igreja erguida em terras brasileiras já está tomada de fiéis, o cardeal e arcebispo primaz do Brasil, dom Geraldo Majella Agnelo, acom-

panhado de 15 padres de outras paróquias, dá início à celebração da tradicional missa campal em louvor a Nossa Senhora da Conceição da Praia.

Logo depois, os fiéis saem em procissão pelas ruas do Comércio. O cortejo, que leva a imagem da padroeira da Bahia, segue até a Praça da Inglaterra, retorna pelo Terminal da França e passa pela frente do Mercado Modelo. De volta

à igreja, a parte religiosa da celebração é encerrada com a Bênção do Santíssimo Sacramento.

A partir daí, é hora da festa profana tomar o bairro do Comércio. Apesar do enfraquecimento das festas populares nos últimos anos, em 2006, a prefeitura de Salvador anunciou o cadastro de mais de 400 vendedores ambulantes, 48 barracas e seis quermesses.

■ As ruínas do primeiro templo católico do Brasil, construído sob as ordens de Thomé de Souza em 1549, estão hoje resguardadas nos fundos da basílica menor.

■ A devoção a Nossa Senhora da Conceição, que já era padroeira de Portugal, chegou ao Brasil junto com Thomé de Souza. A posição, bem perto do porto, atendia bem aos interesses de comerciantes e marinheiros. É ali que surgiu o nome, já que as águas da Baía de Todos os Santos chegavam à porta da igreja.

■ Embora já fosse usado popularmente, o título de Conceição da Praia só foi dado oficialmente em 1971, pelo papa Paulo VI.

■ A Basílica da Conceição da Praia é réplica da que já existia na cidade de Lisboa, Portugal. O arquiteto Eugênio da Mota, designado para a missão em 1640, encomendou peças numeradas para que o trabalho saísse perfeito. Em 1765, a paróquia passa a funcionar no prédio, ainda um canteiro de obras. A inauguração definitiva demorou mais sete anos.

■ O dogma da Imaculada Conceição da Bem-Aventurada Virgem foi proclamado pelo papa Pio IX em 9 de dezembro de 1854. Ele afirma, como verdade de fé, que Maria foi preservada do pecado original desde a sua concepção.

SINCRETISMO É...

"A diferença entre as religiões. Cada religião tem sua crença, seu modo de ver as coisas, seu segmento. Na Bahia, o sincretismo é algo muito forte porque tem gente de várias religiões. Nas festas populares, esta mistura se faz bastante presente. Nosso estado tem essa junção de forma bastante intensa".



PATRÍCIA ÁSFORA, atendente de telemarketing, 34 anos

PROGRAMAÇÃO

Até o dia 07/12

7h30 e 8h30 – Celebração de missas
16h às 18h30 – Confissões
17h30 – Celebração de missa
19h30 – Novena

Dia 08/12

6h – Missa com o pároco da Conceição da Praia, padre Adilton Pinto Lopes
7h30 – Missa com o padre Valson Santos Sandes
9h – Missa Solene celebrada pelo cardeal-arcebispo dom Geraldo Majella Agnelo
11h – Procissão pelas ruas do bairro terminando com a Bênção do Santíssimo Sacramento

Homenagem a Conceição da Praia deve reunir 15 mil

Adriana Jacob

Cerca de 15 mil fiéis devem participar das celebrações em homenagem a Nossa Senhora da Conceição da Praia, padroeira da Bahia, no dia 8 de dezembro. Apesar da participação popular expressiva, este ano a paróquia enfrenta o desafio da falta de apoio dos poderes públicos. "Esta é a primeira vez que o governador não nos ajudou em nada. A prefeitura também tem sido omissa", critica o pároco da igreja, padre Adilton Pinto Lopes.

As festividades em louvor à santa trazida para o Brasil há 458 anos, por Thomé de Souza, tiveram início um dia mais cedo este ano, na última quarta-feira, 28, com a Bênção do Santíssimo, seguida de procissão da Igreja dos Aflitos até a Conceição da Praia. "Não contamos nem com o apoio da Superintendência de Engenharia de Tráfego (SET) nessa caminhada, que reuniu cerca de 500 pessoas. Também não colocaram a iluminação, o que compromete a segurança dos fiéis. No ano passado, só trouxeram as lâmpadas nos três últimos dias, para a festa profana", acrescenta o pároco.

Por meio de sua assessoria de imprensa, a prefeitura municipal de Salvador informou que a Secretaria de Serviços Públicos havia iniciado, no mesmo dia em que nossa reportagem foi finalizada (30), a instalação de lâmpadas na frente da igreja. Apesar de não ter sido esclarecido porque a SET não enviou efetivo para a procissão, a assessoria garantiu que o órgão estaria presente no restante do evento.

Já a assessoria do governador Jacques Wagner informou que não foi identificado nenhum pedido de apoio aos festejos da Conceição da Praia. O gabinete confirma apenas o recebimento de um convite para a participação do governador nas celebrações do dia 7 de dezembro.

Devoção - Mesmo com as dificuldades, o padre Adilton garante que a participação popular tem sido expressiva. "Na procissão, as pessoas se emocionaram: jogavam beijos para a imagem, choravam, se benziam. Outras fazem questão de vir aqui no templo, trazem flores. Trata-se de um reflexo das características de



Paulo M. Azevedo

Padre Adilton, em missa que marcou a despedida da imagem de Nossa Senhora Aparecida: 'Estamos sem apoio'



Nossa Senhora, sobretudo de delicadeza e pureza", descreve.

Nos próximos dias, a programação da novena segue com missas às 7h30, 8h30, 17h30 e 19h30. Três padres de outras paróquias vieram ao templo especialmente para ouvir as confissões, sempre das 16h30 às 18h30.

Mas o ponto alto das celebrações será no próximo sábado, 8 de dezembro. O dia

dedicado à padroeira começa às 6h, com missa celebrada pelo pároco Adilton Lopes. Na sequência, às 7h30, o vigário paroquial Valsom Santos Sandes é o responsável pela celebração.

Às 9h30, quando a frente da primeira igreja erguida em terras brasileiras já está tomada de fiéis, o cardeal e arcebispo primaz do Brasil, dom Geraldo Majella Agnelo, acom-

panhado de 15 padres de outras paróquias, dá início à celebração da tradicional missa campal em louvor a Nossa Senhora da Conceição da Praia.

Logo depois, os fiéis saem em procissão pelas ruas do Comércio. O cortejo, que leva a imagem da padroeira da Bahia, segue até a Praça da Inglaterra, retorna pelo Terminal da França e passa pela frente do Mercado Modelo. De volta

à igreja, a parte religiosa da celebração é encerrada com a Bênção do Santíssimo Sacramento.

A partir daí, é hora da festa profana tomar o bairro do Comércio. Apesar do enfraquecimento das festas populares nos últimos anos, em 2006, a prefeitura de Salvador anunciou o cadastro de mais de 400 vendedores ambulantes, 48 barracas e seis quermesses.

A devoção a Nossa Senhora da Conceição da Praia surgiu no Brasil há 458 anos, trazida por Thomé de Souza

■ As ruínas do primeiro templo católico do Brasil, construído sob as ordens de Thomé de Souza em 1549, estão nos fundos da basílica menor.

■ A devoção a Nossa Senhora da Conceição, que já era padroeira de Portugal, chegou ao Brasil junto com Thomé de Souza. A posição, bem perto do porto, atendia bem aos interesses de comerciantes e marinheiros. Foi daí que surgiu o nome, já que as águas da Baía de Todos os Santos chegavam à porta da igreja.

■ Embora já fosse usado popularmente, o título de Conceição da Praia só foi dado oficialmente em 1971, pelo papa Paulo VI.

■ A Basílica da Conceição da Praia é réplica da que já existia na cidade de Lisboa, Portugal. O arquiteto Eugênio da Mota, designado para a missão em 1640, encomendou peças numeradas para que o trabalho saísse perfeito. Em 1765, a paróquia passa a funcionar no prédio, ainda um canteiro de obras. A inauguração definitiva demorou mais sete anos.

■ O dogma da Imaculada Conceição da Bem-Aventurada Virgem foi proclamado pelo papa Pio IX em 9 de dezembro de 1854. Ele afirma, como verdade de fé, que Maria foi preservada do pecado original desde a sua concepção.

CURIOSIDADES

SINCRETISMO É...

"A diferença entre as religiões. Cada religião tem sua crença, seu modo de ver as coisas, seu segmento. Na Bahia, o sincretismo é algo muito forte porque tem gente de várias religiões. Nas festas populares, esta mistura se faz bastante presente. Nosso estado tem essa junção de forma bastante intensa".



PATRÍCIA ÁSFORA, atendente de telemarketing, 34 anos

PROGRAMAÇÃO

Até o dia 07/12

7h30 e 8h30 - Celebração de missas
16h às 18h30 - Confissões
17h30 - Celebração de missa
19h30 - Novena

Dia 08/12

6h - Missa com o pároco da Conceição da Praia, padre Adilton Pinto Lopes
7h30 - Missa com o padre Valsom Santos Sandes
9h - Missa Solene celebrada pelo cardeal-arcebispo dom Geraldo Majella Agnelo
11h - Procissão pelas ruas do bairro terminando com a Bênção do Santíssimo Sacramento



Festas e lavagens

Centenária procissão do Senhor dos Navegantes está ameaçada pela falta de verbas dos poderes públicos

Paulo M. Azevedo

Bom Jesus precisa de recursos para navegar

Pablo Reis

Faltando um mês para a Festa da Boa Viagem, os membros da devoção que cuida do ritual que abre o ano nas águas da Baía de Todos os Santos torcem para que o Senhor Bom Jesus dos Navegantes toque no coração das autoridades que têm o poder de decidir sobre a festa centenária. Os devotos temem que a falta de repasse de recursos por parte dos órgãos gestores do turismo prejudique a realização da liturgia, com o transporte da imagem do Cristo Crucificado em idas e vindas marítimas entre as igrejas da Boa Viagem e da Conceição da Praia.

"Nós encaminhamos para a Bahiatursa a solicitação de ajuda, mas já tomamos conhecimento que o financiamento de outras festas foi negado", alerta o presidente da Devoção a Bom Jesus dos Navegantes, Renato Delfino, eleito em abril para o cargo. A verba necessária é de R\$30 mil, que será empregada na compra de luminárias novas, toalhas, cortinas e aluguel do serviço de sonorização. "Sem essa ajuda, a procissão não deixa de acontecer, mas perde muito do brilhantismo", pondera Delfino.

Todo ano, os dois andores utilizados para os santos sofrem com a ansiedade do povo, que tira algum pedaço para guardar como recordação. Eles também precisam de uma reforma. Durante o ano, algumas festas são feitas para arrecadar fundos para a devoção, mas o valor em caixa normalmente não chega a 20% do necessário para a realização do evento. O suficiente apenas para providenciar a renovação da pintura da Galeota Gratidão do Povo, um acontecimento à parte, que normalmente começa a ser feito de forma minuciosa no início de dezembro. "Estamos cuidando de algumas providências, mas trabalhando com a expectativa de orçamento reduzido", avalia o ex-presidente e membro da devoção Expedito Sacramento.

Atrasos - Mesmo que ocorra a liberação da verba, os or-



Centenas de embarcações participam da procissão que conduz a imagem do Bom Jesus dos Navegantes na Baía de Todos os Santos

Antonio Queirós

ganizadores reclamam do atraso no repasse. Na última edição da festa da Boa Viagem, o dinheiro prometido para as comemorações só foi repassado no mês de março, provocando um atraso de mais de 90 dias no pagamento aos fornecedores.

O descaso oficial com uma das mais significativas manifestações de veneração religiosa do povo baiano seria um melancólico epílogo para a festividade profana, que já agoniza em edições sucessivas. A participação popular escassa em comparação com as décadas passadas no Largo da Boa Viagem virou reflexo de uma decadência generalizada do caráter espontâneo que sempre marcou as festas de largo.

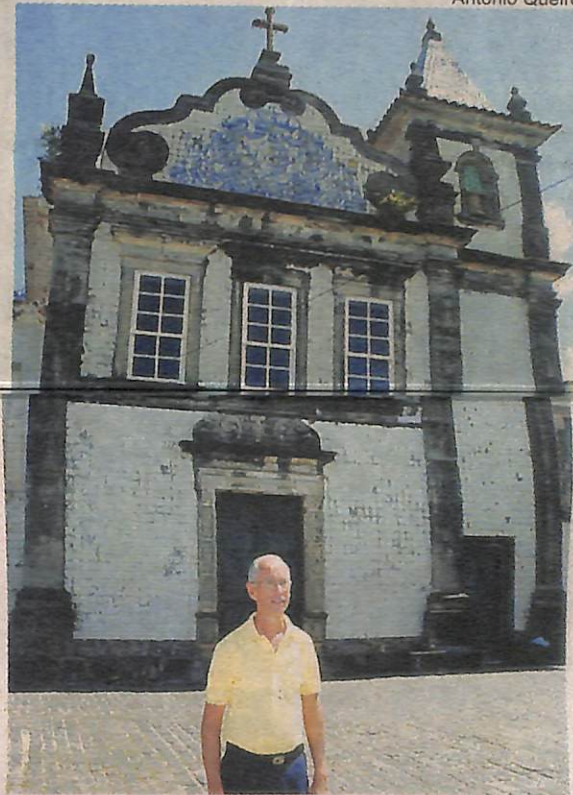
"Numa festa de largo, os eventos decorridos na praça e

no templo pertencem a um mesmo conjunto de sucessos, a uma contraditória unidade ritual", explica o antropólogo Ordep Serra, no livro *Rumores da Festa - o sagrado e o profano na Bahia*. "Os comportamentos adotados no templo e no largo são muito nitidamente simétricos, em diversos aspectos", garante o estudioso, para depois assinalar semelhanças entre os devotos na igreja e os foliões na praça, que cumprem ritos simbólicos bem definidos.

É um balé de simbolismos o que se testemunha no último dia do ano que passa e no primeiro dia do ano que nasce. A imagem do Senhor dos Navegantes é levada da Igreja da Boa Viagem e adornece na Basílica da Conceição da Praia. No dia seguinte, Nossa Senhora e

o filho protetor dos navegantes são colocados frente a frente em uma despedida que emociona e embarga a voz dos fiéis. Na Galeota Gratidão do Povo, o Cristo Crucificado dá um passeio pela Baía de Todos os Santos até o Farol da Barra. Depois, retorna para o seu destino original, onde é recebido por Nossa Senhora da Boa Viagem ainda na areia da praia. É o momento ímpar de aplausos, orações e reverências, geralmente sob um sol implacável.

Expedito Sacramento, ex-presidente e membro da Devoção a Bom Jesus dos Navegantes: "Estamos trabalhando com a expectativa de orçamento reduzido"



Incidente e mobilização popular

A primeira procissão marítima cultuando o Senhor Bom Jesus dos Navegantes após a proclamação da República estava marcada pelo signo do infortúnio. No dia 1º de janeiro de 1890, como se realizava nas edições anteriores, os 21 tiros de festim dos canhões do Forte de São Marcelo, alardeios sonoros para a passagem da imagem do Crucificado, foram trocados por dois projéteis da artilharia que por pouco não provocavam uma tragédia.

Os bólidos passaram sobre as embarcações apinhadas de gente e um deles quase atingiu em cheio um navio norueguês, atracado no

são era bancada pelo Estado, que cedia uma galeota oficial e toda a estrutura de marinheiros para cuidar da segurança e da organização das embarcações.

Com a República, o poder público e a Igreja ficaram dissociados e, para o ano seguinte, o arsenal da Marinha negou a liberação da galeota. Para salvar a procissão, o comerciante Agostinho Dias Lima cedeu um escalor, que foi rebocado no percurso por uma lancha portuária usada no atendimento médico. O ritual foi mantido em caráter de emergência, preservando uma tradição e mobilizando a população. No mesmo ano, a

A demanda por um novo barco atraiu carpinteiros, capatazes e calafates, todos voluntários pela causa religiosa. Os devotos do Senhor dos Navegantes queriam dar uma contribuição ao trabalho no estaleiro localizado na Ribeira. Guiados por uma inspiração que parecia divina, colocavam as mãos no desejo de autonomia para a procissão. O carpinteiro Manoel Dias trabalhou de graça na modelagem da galeota que não possui motor e é puxada por rebocador e impulsionada pelas remadas de 12 homens. No dia 27 de dezembro de 1891, benzida pelo Cônego Ludgero dos Hu-

Tradição remonta ao século XVIII

A tradição de uma procissão marítima saudando o Senhor Bom Jesus dos Navegantes no primeiro dia do ano não tem um registro preciso de início. A versão mais difundida é de que se trata de uma herança dos capitães de navios que chegam na costa brasileira vindos da África, ainda no século XVIII. Desde as primeiras mobilizações em Salvador, a

procissão oficial tinha o apoio do governo e da Marinha, que cedia a Galeota Imperial para o transporte da imagem.

Mas se a manifestação perdeu a exatidão das origens na falta de documentação, o templo da devoção está devidamente registrado. A Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem começou a surgir em 19 de novembro de 1710,

quando Lourença Maria, proprietária de extensa faixa de terra em Itapagipe, doou uma fazenda aos franciscanos da Bahia. A única exigência era a celebração de cinco missas anuais, três para ela e duas para a filha, Ana Pereira de Negreiros. A igreja foi construída, então, em estilo barroco, implantada afinal em 1712.

Paulo M. Azevedo

SINCRETISMO É...

"Acho que o catolicismo e o candomblé mostram o que é sincretismo. As divindades são as mesmas, só que têm nomes e histórias diferentes, mas no fim das contas



Bom Jesus precisa de recursos para navegar

Pablo Reis

Faltando um mês para a Festa da Boa Viagem, os membros da devoção que cuida do ritual que abre o ano nas águas da Baía de Todos os Santos torcem para que o Senhor Bom Jesus dos Navegantes toque no coração das autoridades que têm o poder de decidir sobre a festa centenária. Os devotos temem que a falta de repasse de recursos por parte dos órgãos gestores do turismo prejudique a realização da liturgia, com o transporte da imagem do Cristo Crucificado em idas e vindas marítimas entre as igrejas da Boa Viagem e da Conceição da Praia.

“Nós encaminhamos para a Bahiatursa a solicitação de ajuda, mas já tomamos conhecimento que o financiamento de outras festas foi negado”, alerta o presidente da Devoção a Bom Jesus dos Navegantes, Renato Delfino, eleito em abril para o cargo. A verba necessária é de R\$30 mil, que será empregada na compra de luminárias novas, toalhas, cortinas e aluguel do serviço de sonorização. “Sem essa ajuda, a procissão não deixa de acontecer, mas perde muito do brilhantismo”, pondera Delfino.

Todo ano, os dois andores utilizados para os santos sofrem com a ansiedade do povo, que tira algum pedaço para guardar como recordação. Eles também precisam de uma reforma. Durante o ano, algumas festas são feitas para arrecadar fundos para a devoção, mas o valor em caixa normalmente não chega a 20% do necessário para a realização do evento. O suficiente apenas para providenciar a renovação da pintura da Galeota Gratidão do Povo, um acontecimento à parte, que normalmente começa a ser feito de forma minuciosa no início de dezembro. “Estamos cuidando de algumas providências, mas trabalhando com a expectativa de orçamento reduzido”, avalia o ex-presidente e membro da devoção Expedito Sacramento.

Atrasos - Mesmo que ocorra a liberação da verba, os or-



Centenas de embarcações participam da procissão que conduz a imagem do Bom Jesus dos Navegantes na Baía de Todos os Santos

Antonio Queirós

ganizadores reclamam do atraso no repasse. Na última edição da festa da Boa Viagem, o dinheiro prometido para as comemorações só foi repassado no mês de março, provocando um atraso de mais de 90 dias no pagamento aos fornecedores.

O descaso oficial com uma das mais significativas manifestações de veneração religiosa do povo baiano seria um melancólico epílogo para a festividade profana, que já agoniza em edições sucessivas. A participação popular escassa em comparação com as décadas passadas no Largo da Boa Viagem virou reflexo de uma decadência generalizada do caráter espontâneo que sempre marcou as festas de largo.

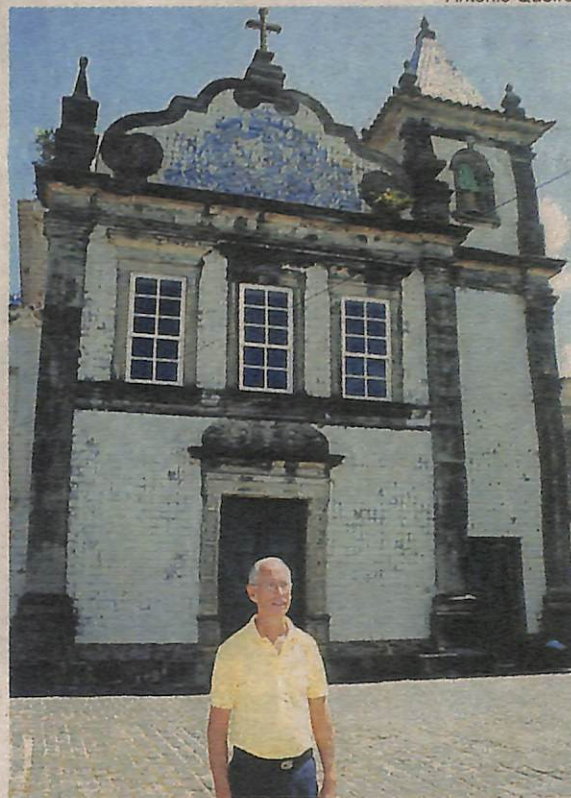
“Numa festa de largo, os eventos decorridos na praça e

no templo pertencem a um mesmo conjunto de sucessos, a uma contraditória unidade ritual”, explana o antropólogo Ordep Serra, no livro *Rumores da Festa – o sagrado e o profano na Bahia*. “Os comportamentos adotados no templo e no largo são muito nitidamente simétricos, em diversos aspectos”, garante o estudioso, para depois assinalar semelhanças entre os devotos na igreja e os foliões na praça, que cumprem ritos simbólicos bem definidos.

É um balé de simbolismos o que se testemunha no último dia do ano que passa e no primeiro dia do ano que nasce. A imagem do Senhor dos Navegantes é levada da Igreja da Boa Viagem e adornece na Basílica da Conceição da Praia. No dia seguinte, Nossa Senhora e

o filho protetor dos navegantes são colocados frente a frente em uma despedida que emociona e embarga a voz dos fiéis. Na Galeota Gratidão do Povo, o Cristo Crucificado dá um passeio pela Baía de Todos os Santos até o Farol da Barra. Depois, retorna para o seu destino original, onde é recebido por Nossa Senhora da Boa Viagem ainda na areia da praia. E o momento ímpar de aplausos, orações e reverências, geralmente sob um sol implacável.

Expedito Sacramento, ex-presidente e membro da Devoção a Bom Jesus dos Navegantes:
‘Estamos trabalhando com a expectativa de orçamento reduzido’



Incidente e mobilização popular

A primeira procissão marítima cultuando o Senhor Bom Jesus dos Navegantes após a proclamação da República estava marcada pelo signo do infortúnio. No dia 1º de janeiro de 1890, como se realizava nas edições anteriores, os 21 tiros de festim dos canhões do Forte de São Marcelo, alardeios sonoros para a passagem da imagem do Crucificado, foram trocados por dois projéteis da artilharia que por pouco não provocavam uma tragédia.

Os bólidos passaram sobre as embarcações apinhadas de gente e um deles quase atingiu em cheio um navio norueguês, atracado no porto. O incidente naquele ano se transformou em um desenrolar de contratemplos que culminaram com o total rompimento da Marinha com o culto. Até então, a procis-

são era bancada pelo Estado, que cedia uma galeota oficial e toda a estrutura de marinheiros para cuidar da segurança e da organização das embarcações.

Com a República, o poder público e a Igreja ficaram dissociados e, para o ano seguinte, o arsenal da Marinha negou a liberação da galeota. Para salvar a procissão, o comerciante Agostinho Dias Lima cedeu um escalor, que foi rebocado no percurso por uma lancha portuária usada no atendimento médico. O ritual foi mantido em caráter de emergência, preservando uma tradição e mobilizando a população. No mesmo janeiro de 1891, o povo já estava mobilizado para a construção de um barco que não oscilasse na maré das Forças Armadas e apenas estivesse a serviço da fé.

A demanda por um novo barco atraiu carpinteiros, capatazes e calafates, todos voluntários pela causa religiosa. Os devotos do Senhor dos Navegantes queriam dar uma contribuição ao trabalho no estaleiro localizado na Ribeira. Guiados por uma inspiração que parecia divina, colocavam as mãos no desejo de autonomia para a procissão. O carpinteiro Manoel Dias trabalhou de graça na modelagem da galeota que não possui motor e é puxada por rebocador e impulsionada pelas remadas de 12 homens. No dia 27 de dezembro de 1891, benzida pelo Cônego Ludgero dos Humildes Pacheco, a galeota foi levada sobre a carreta, do estaleiro até a praia e lançada ao mar às 16h. Surgia, assim, um novo veículo da devoção, justamente batizado como Gratidão do Povo.

Tradição remonta ao século XVIII

A tradição de uma procissão marítima saudando o Senhor Bom Jesus dos Navegantes no primeiro dia do ano não tem um registro preciso de início. A versão mais difundida é de que se trata de uma herança dos capitães de navios que chegam na costa brasileira vindos da África, ainda no século XVIII. Desde as primeiras mobilizações em Salvador, a

procissão oficial tinha o apoio do governo e da Marinha, que cedia a Galeota Imperial para o transporte da imagem.

Mas se a manifestação perdeu a exatidão das origens na falta de documentação, o templo da devoção está devidamente registrado. A Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem começou a surgir em 19 de novembro de 1710,

quando Lourença Maria, proprietária de extensa faixa de terra em Itapagipe, doou uma fazenda aos franciscanos da Bahia. A única exigência era a celebração de cinco missas anuais, três para ela e duas para a filha, Ana Pereira de Negreiros. A igreja foi construída, então, em estilo barroco, implantada afinal em 1712.

Paulo M. Azevedo

SINCRETISMO É...

“Acho que o catolicismo e o candomblé mostram o que é sincretismo. As divindades são as mesmas, só que têm nomes e histórias diferentes, mas no fim das contas atendem as mesmas causas. É só a maneira de ver as coisas que é diferente. Sincretismo é isso: união, ainda que de indivíduos que pensam diferente”.

ALEXANDRA DE JESUS,

27 anos, operadora de telemarketing



Festas e lavagens

Signos diversos da cultura popular
desfilam nos 8km entre a Conceição
da Praia e a Colina Sagrada

Lavagem do Bonfim sintetiza sincretismo baiano

Tudo é mistura na festa que melhor encarna o conceito de sincretismo pelas ruas da Bahia: turistas socializando com sacerdotisas do candomblé; câmeras fotográficas em algumas mãos, berimbaus em outras; água-de-cheiro nos potes, batidas de frutas nos copos; políticos marchando pela simpatia popular, policiais andando firme para manter a ordem; grupos de samba-de-roda e beatas; a devoção religiosa de mãos dadas com a irreverência de um minicarnaval. É a Lavagem do Bonfim, que funciona como um arquétipo da mestiçagem baiana.

Signos da cultura popular desfilam no percurso de 8km da Conceição da Praia até a Colina Sagrada. É uma reunião de objetivos tão diferentes e inseparáveis que até mesmo os legítimos representantes da religiosidade evitam juízo de valor. "Não concordo com a definição de profano, porque até mesmo na manifestação popular há demonstração de fé, só que com maneiras diferentes", sustenta o tesoureiro da Devoção ao Senhor do Bonfim, Luiz Geraldo Freire de Carvalho, que representa a sétima geração da família na entidade.

O cortejo que toma as ruas na segunda quinta-feira depois do Dia de Reis é uma tradição desde 1754. O maior rito coletivo de fé da Bahia é capaz de mobilizar até um milhão de pessoas, público que perde apenas para o Carnaval.

O antropólogo Roberto Albergaria não tem receio de colocar a lavagem no panteão do sincretismo como a mais representativa manifestação da pluralidade. "A devoção dos nobres ao Senhor do Bonfim se confundiu com a devoção dos escravos africanos a Oxalá. A miscigenação uniu as duas coisas numa só, e durante a festa, os baianos se vestem de branco em homenagem a Oxalá, mas fazem a grande caminhada e pagam promessas ao Senhor do Bonfim", resume.

Os rituais católicos duram dez dias e começam com o novenário. No encerramento, uma missa solene é celebra-



Antonio Saturnino

da no domingo, considerado muito mais importante para os devotos do que a própria quinta-feira anterior, dia da lavagem das escadarias da Basílica do Bonfim.

Na próxima edição, o encerramento da festa será feito apenas dez dias antes do início do Carnaval, o que deve provocar algumas mudanças na programação das atividades religiosas. A Devoção a Nosso Senhor do Bonfim planeja um encurtamento da festa de Nossa Senhora da Guia, e a homenagem a São Gonzalo será feita numa missa noturna durante a semana.

Trajeto – A Lavagem do Bonfim mantém um roteiro inalterado. O toque dos fogos de artifício na alvorada anuncia a concentração em frente à Igreja da Conceição da Praia. Depois da missa, o cortejo segue no seu passo costumeiro, ao som de charangas e grupos de samba. As baianas trajadas no melhor estilo folclórico, com turbantes, saias engomadas, colares e braceletes, conduzem os jarros com

água-de-cheiro e lideram a procissão. São elas as encarregadas da limpeza do adro da igreja, com louvores em ioruba para Oxalá.

No trajeto, a maioria mantém a obstinação de chegar até a Colina Sagrada, mas muitos se dispersam pelo Comércio, Mercado do Ouro e adjacências. Enquanto o cortejo oficial já avança na Avenida Jequitiaia, os veteranos vão ficando pelo caminho, preocupados com o reencontro de amigos, uma paquera ou o desejo de se refrescar com uma cerveja gelada. Até 1998, esse *tour* pela cidade baixa era feito com a participação de trios elétricos.

Passando pela Avenida Jequitiaia, chega-se ao Largo da Calçada, praticamente metade do percurso cumprido. Para muitos, a caminhada vira pretexto para comer uma feijoadinha na Feira de São Joaquim. No meio do caminho, um carro-pipa cedido pelo grupamento do Corpo de Bombeiros minimiza os efeitos do calor na multidão.

Reza a crença popular que o banho com a água-de-cheiro preparada pelas baianas na Lavagem do Bonfim garante proteção

Branco remete a Oxalá

O branco de uso quase obrigatório na Lavagem do Bonfim é uma menção direta a Oxalá, pai de todos os orixás. Quando a Igreja do Senhor do Bonfim, após nove anos de construção, foi inaugurada, em 1754, iniciou-se a tradição de lavá-la dias antes para a festa anual, instituída pela Igreja Católica em todo segundo domingo de janeiro, após a Festa de Reis. À época, a região do Bonfim era essencialmente de veraneio e, por conta disso, os romeiros vindos de outras partes de Salvador e do recôncavo baiano reuniam-se dias antes do domingo de celebração. Como forma de animar a cerimônia, eles traziam grupos de samba-de-roda e carroças enfeitadas.

Aos poucos, os escravos

viram na festa católica um meio de louvar Oxalá. Há similaridades entre o maior de todos os orixás e Jesus Cristo, o Senhor do Bonfim. Desta forma, a lavagem passou a ser conduzida por filhas-de-santo vestidas de baiana. Com o crescimento do aspecto sincrético da festividade, as autoridades católicas resolveram proibir a lavagem. Em 1890, atendendo uma ordem de Roma, o arcebispo de Salvador proibiu a lavagem dentro da igreja, o que provocou reações contrárias. A partir daí, o ritual sofreu um refluxo no número de participantes. Público só recuperado quando a Igreja Católica decidiu, em 1937, realizar um cortejo entre as igrejas de Nossa Senhora da Conceição da Praia e do Bonfim.

■ As fitinhas do Senhor do Bonfim tiveram origem nas medidas e registros que foram introduzidos pelo tesoureiro da Devoção do Senhor do Bonfim, Manoel Antônio da Silva Servo, em 1809. As medidas eram feitas com um pano de algodão com detalhes na barra, em ouro e prata, e tinham venda restrita. A tradição se estendeu por cerca de 180 anos. As fitinhas atuais, confeccionadas em nylon, existem desde a década de 50.

■ Desde a sua chegada à Bahia, a imagem original do Senhor do Bonfim participou de procissões apenas 18 vezes. Sua saída se dava em casos extremos, como de calamidade pública e em datas historicamente muito importantes. Em 1823, foi a única imagem que passou o festejo do Bonfim fora da capela por conta da Guerra de Independência da Bahia. A última vez que a imagem saiu em procissão foi em 1º de dezembro de 1996, quando participou do evento denominado Concentração com Cristo Rumo ao Terceiro Milênio, realizado na Fonte Nova. O dia chuvoso causou danos à imagem, que nunca mais saiu da basílica.

■ A tão disputada água-de-cheiro preparada à base de uma mistura de ervas, entre elas, folhas de manjerição e macacá. O preparo exige um importante ritual. Depois de raladas as ervas, o líquido esverdeado é coado e colocado direto na tálha de barro. Dizem que as antigas deixavam o vaso enterrado três meses e 21 dias. Para completar o perfume, é despejado dentro da mistura um frasquinho de alfavema.

■ O capitão-de-mar-e-guerra português Theodózio Rodrigues de Faria chegou a Salvador em 1740. Reza a lenda que ele, com problemas na nau que trazia a imagem do Senhor do Bonfim, prometeu ao santo uma igreja com seu nome num local bem alto, de onde pudesse acompanhar a entrada na Baía de Todos os Santos, caso chegasse a salvo. Em 1745, ele liderou as obras de construção da igreja, que terminaram nove anos depois. Morto em 1757, o capitão teve o corpo enterrado na



Antonio Saturnino

SINCRETISMO É...

"Acho que tem ligação com a mistura de religiões. Deve estar direcionado à diversidade do povo. Não sei precisamente expressar, mas acho que significa essa mistura que só a Bahia tem. Esse termo é muito usado por aqui, então tem haver com as misturas do nosso estado, da nossa população. Fui em um batizado da Igreja Católica em que a madrinha e o padrinho eram do candomblé. Acho que é por aí".

Paulo M. Azevedo



Lavagem do Bonfim sintetiza sincretismo baiano

Antonio Saturnino

Tudo é mistura na festa que melhor encarna o conceito de sincretismo pelas ruas da Bahia: turistas socializando com sacerdotisas do candomblé; câmeras fotográficas em algumas mãos, berimbaus em outras; água-de-cheiro nos potes, batidas de frutas nos copos; políticos marchando pela simpatia popular, policiais andando firme para manter a ordem; grupos de samba-de-roda e beatas; a devoção religiosa de mãos dadas com a irreverência de um minicarnaval. É a Lavagem do Bonfim, que funciona como um arquétipo da mestiçagem baiana.

Signos da cultura popular desfilam no percurso de 8km da Conceição da Praia até a Colina Sagrada. É uma reunião de objetivos tão diferentes e inseparáveis que até mesmo os legítimos representantes da religiosidade evitam juízo de valor. "Não concordo com a definição de profano, porque até mesmo na manifestação popular há demonstração de fé, só que com maneiras diferentes", sustenta o tesoureiro da Devoção ao Senhor do Bonfim, Luiz Geraldo Freire de Carvalho, que representa a sétima geração da família na entidade.

O cortejo que toma as ruas na segunda quinta-feira depois do Dia de Reis é uma tradição desde 1754. O maior rito coletivo de fé da Bahia é capaz de mobilizar até um milhão de pessoas, público que perde apenas para o Carnaval.

O antropólogo Roberto Albergaria não tem receio de colocar a lavagem no panteão do sincretismo como a mais representativa manifestação da pluralidade. "A devoção dos nobres ao Senhor do Bonfim se confundiu com a devoção dos escravos africanos a Oxalá. A miscigenação uniu as duas coisas numa só, e durante a festa, os baianos se vestem de branco em homenagem a Oxalá, mas fazem a grande caminhada e pagam promessas ao Senhor do Bonfim", resume.

Os rituais católicos duram dez dias e começam com o novenário. No encerramento, uma missa solene é celebra-

da no domingo, considerado muito mais importante para os devotos do que a própria quinta-feira anterior, dia da lavagem das escadarias da Basílica do Bonfim.

Na próxima edição, o encerramento da festa será feito apenas dez dias antes do início do Carnaval, o que deve provocar algumas mudanças na programação das atividades religiosas. A Devoção a Nosso Senhor do Bonfim planeja um encurtamento da festa de Nossa Senhora da Guia, e a homenagem a São Gonçalo será feita numa missa noturna durante a semana.

Trajetó - A Lavagem do Bonfim mantém um roteiro inalterado. O toque dos fogos de artifício na alvorada anuncia a concentração em frente à Igreja da Conceição da Praia. Depois da missa, o cortejo segue no seu passo costumeiro, ao som de charangas e grupos de samba. As baianas trajadas no melhor estilo folclórico, com turbantes, saias engomadas, colares e braceletes, conduzem os jarros com

água-de-cheiro e lideram a procissão. São elas as encarregadas da limpeza do adro da igreja, com louvores em ioruba para Oxalá.

No trajeto, a maioria mantém a obstinação de chegar até a Colina Sagrada, mas muitos se dispersam pelo Comércio, Mercado do Ouro e adjacências. Enquanto o cortejo oficial já avança na Avenida Jequitiaia, os veteranos vão ficando pelo caminho, preocupados com o reencontro de amigos, uma paquera ou o desejo de se refrescar com uma cerveja gelada. Até 1998, esse *tour* pela cidade baixa era feito com a participação de trios elétricos.

Passando pela Avenida Jequitiaia, chega-se ao Largo da Calçada, praticamente metade do percurso cumprido. Para muitos, a caminhada vira pretexto para comer uma feijoadinha na Feira de São Joaquim. No meio do caminho, um carro-pipa cedido pelo grupamento do Corpo de Bombeiros minimiza os efeitos do calor na multidão.

Antonio Saturnino



Reza a crença popular que o banho com a água-de-cheiro preparada pelas baianas na Lavagem do Bonfim garante proteção

Branco remete a Oxalá

O branco de uso quase obrigatório na Lavagem do Bonfim é uma menção direta a Oxalá, pai de todos os orixás. Quando a Igreja do Senhor do Bonfim, após nove anos de construção, foi inaugurada, em 1754, iniciou-se a tradição de lavá-la dias antes para a festa anual, instituída pela Igreja Católica em todo segundo domingo de janeiro, após a Festa de Reis. À época, a região do Bonfim era essencialmente de veraneio e, por conta disso, os romeiros vindos de outras partes de Salvador e do recôncavo baiano reuniam-se dias antes do domingo de celebração. Como forma de animar a cerimônia, eles traziam grupos de samba-de-roda e carroças enfeitadas.

Aos poucos, os escravos

viram na festa católica um meio de louvar Oxalá. Há similaridades entre o maior de todos os orixás e Jesus Cristo, o Senhor do Bonfim. Desta forma, a lavagem passou a ser conduzida por filhas-de-santo vestidas de baiana. Com o crescimento do aspecto sincretístico da festividade, as autoridades católicas resolveram proibir a lavagem. Em 1890, atendendo uma ordem de Roma, o arcebispo de Salvador proibiu a lavagem dentro da igreja, o que provocou reações contrárias. A partir daí, o ritual sofreu um refluxo no número de participantes. Público só recuperado quando a Igreja Católica decidiu, em 1937, realizar um cortejo entre as igrejas de Nossa Senhora da Conceição da Praia e do Bonfim.

■ As fitinhas do Senhor do Bonfim tiveram origem nas medidas e registros que foram introduzidos pelo tesoureiro da Devoção do Senhor do Bonfim, Manoel Antônio da Silva Servo, em 1809. As medidas eram feitas com um pano de algodão com detalhes na barra, em ouro e prata, e tinham venda restrita. A tradição se estendeu por cerca de 180 anos. As fitinhas atuais, confeccionadas em nylon, existem desde a década de 50.

■ Desde a sua chegada à Bahia, a imagem original do Senhor do Bonfim participou de procissões apenas 18 vezes. Sua saída se dava em casos extremos, como de calamidade pública e em datas historicamente muito importantes. Em 1823, foi a única imagem que passou o festejo do Bonfim fora da capela por conta da Guerra de Independência da Bahia. A última vez que a imagem saiu em procissão foi em 1º de dezembro de 1996, quando participou do evento denominado Concentração com Cristo Rumo ao Terceiro Milênio, realizado na Fonte Nova. O dia chuvoso causou danos à imagem, que nunca mais saiu da basílica.

■ A tão disputada água-de-cheiro das baianas é preparada à base de uma mistura de ervas, entre elas, folhas de manjericao e macaça. O preparo exige um importante ritual. Depois de raladas as ervas, o líquido esverdeado é coado e colocado direto na talha de barro. Dizem que as antigas deixavam o vaso enterrado três meses e 21 dias. Para completar o perfume, é despejado dentro da mistura um frasquinho de alfavema.

■ O capitão-de-mar-e-guerra português Theodózio Rodrigues de Faria chegou a Salvador em 1740. Reza a lenda que ele, com problemas na nau que trazia a imagem do Senhor do Bonfim, prometeu ao santo uma igreja com seu nome num local bem alto, de onde pudesse acompanhar a entrada na Baía de Todos os Santos, caso chegasse a salvo. Em 1745, ele liderou as obras de construção da igreja, que terminaram nove anos depois. Morto em 1757, o capitão teve o corpo enterrado na própria Igreja do Senhor do Bonfim.

SINCRETISMO É...

"Acho que tem ligação com a mistura de religiões. Deve estar direcionado à diversidade do povo. Não sei precisamente expressar, mas acho que significa essa mistura que só a Bahia tem. Esse termo é muito usado por aqui, então tem haver com as misturas do nosso estado, da nossa população. Fui em um batizado da Igreja Católica em que a madrinha e o padrinho eram do candomblé. Acho que é por aí".

ELIANE BISPO,

43 anos, estudante de direito

Paulo M. Azevedo



Entre os baianos, nada supera a devoção ao Senhor do Bonfim



Festas e lavagens

O 2 de fevereiro, dia de festa no mar do Rio Vermelho, coincide com o sábado da folia de Momo

Pescadores querem rito para Iemanjá sem Carnaval

Fotos de Evandro Veiga

Flávio Novaes

O afoxé Filhos de Gandhi estará em maior número na festa de 2008. Antes de seguirem para a avenida, mais homens de branco prometem dar uma passada no largo para saudar a rainha do mar. Meninos e meninas com o abadá do Nana também. Ou mesmo aquele pipoca certo de que o bom mesmo é que a folia fora das cordas dará o seu ar da graça. O 2 de fevereiro do ano que vem será, portanto, inesquecível ao dividir o dia de homenagem a Iemanjá com o sábado de Carnaval.

Jamais houve algo assim. Não há registros no calendário católico de a festa que antecede o início da Quaresma acontecer durante o dia de homenagens à dona das águas. E, pela coincidência, há um burburinho no ar, teme-se que os atos profanos além da conta interfiram na festa. "Vamos respeitar a religiosidade. A extensão do Carnaval em Iemanjá será feita de forma sutil", afirma Reginaldo dos Santos, presidente do Conselho Municipal do Carnaval, dando margem a uma possível descaracterização da festa da enseada no Rio Vermelho. A Em-tursa, empresa municipal de turismo que organiza a festa, promete fazer um pronunciamento oficial amanhã.

O multiartista Carlinhos Brown, que já levou a sua Timbalada e os Zárabe, também promete aparecer em 2008. Blocos afros famosos, como o Olodum, grupos de samba e batucadas, costumam dar um colorido especial à festa, em meio aos presentes que vão chegando dos terreiros de candomblé. A cena se repete durante todo o dia até a saída do barco que leva o chamado "presente principal" dos pescadores para Iemanjá, no cair da tarde. A festa é grande para um pequeno espaço.

Alguns já prometem não aparecer por lá. A possibilidade real de a festa profana ser maior do que a religiosa vai afastar alguns devotos. "Já não gostava daquela mistura. E agora ninguém sabe se vai ser Iemanjá ou Carnaval", afirma a mãe-de-santo Maria Luísa, a mãe Maria do terreiro Ilê Axé la Di, em Fazenda Coutos III. "Vou fazer minhas oferendas dentro do quarto mesmo lá de casa", afirma. "Fazer um balaio lindo, maravilhoso, naquela confusão? Este ano lá vai ser pior, né?", completa.

Enquanto isso, Bel e Zé não admitem nem ouvir falar. Vão dando as costas, fazendo muxoxo. "Trio? Aqui? Hummm". Juntos, somam quase 80 anos de convivência diária com a rainha das águas. E mais uma vez querem o 2 de fevereiro com respeito, barracão, fita de isolamento, fila e exclusividade para quem quer, com fé, depositar o seu presente e fazer a homenagem a Iemanjá.

Não lembram de que, em algum dia, a festa do mar tenha coincido com a festa do Momo. Mas no sábado de Car-

Os pescadores, que organizam as homenagens a Iemanjá, querem manter os foliões a distância para preservar as características da festa

mar, quer saber de blocos ou, no caso deles, dos antigos cordões. "Todo ano nós estamos aqui cedo, e a gente quer que estejam os devotos, não os foliões", afirma Norberto Souza, o Bel, 50 anos, 26 de pescaria. "Folião é para lá", aponta para Ondina.

Saudosismo - Ainda sem camisa, pouco depois das 18h, ele acaba de chegar de um pesqueiro próximo a Itapua, onde estava desde as 7h. Enquanto lembra dos primeiros anos de que tem conhecimento da festa, ressalva: "Depois da entrega dos presentes, lá pelas quatro e meia, cinco horas, aí tudo bem. Antes, não".

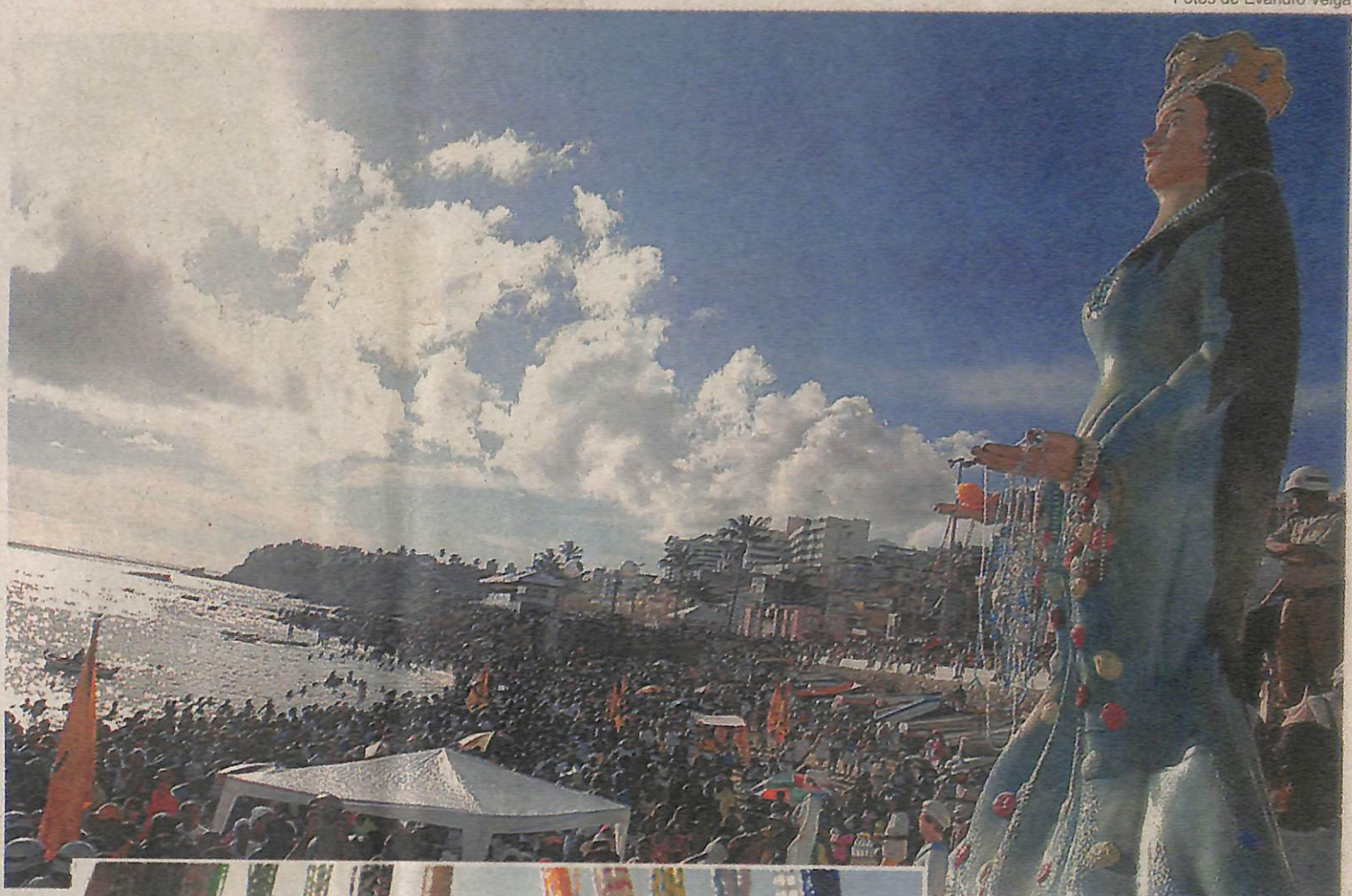
José Santos Batista, 64 anos, concorda. Desde os 13, quando começou a ir para o mar, vê o cortejo sair, participa. De sungão preto, também acaba de chegar e vai logo dizendo. "A gente quer a nossa festa tranquila, com os presentes e toda a festa bonita. Como sempre foi".

Os dois lembram que houve uma época em que o som dos trios elétricos também ecoava nas ruas estreitas do bairro. Mas não dava certo. "Era muita confusão, as pessoas não podiam nem andar direito, não dá certo, não", diz Zé.

Bel não vai para a avenida porque hoje em dia "a gente nem consegue botar o pé no chão, vai levado". Zé garante que vai aparecer na segunda-feira, para a sua imperdível Mudança do Garcia. Mas já curtiu muito mais. "Ah, se aquele Relógio de São Pedro falasse..." E começam a falar do passado. "Saía no Diplomatas de Amaralina e já fui também naquele da Barra, o Jacu", ri e suspira Zé. "Pois eu lembro do meu tempo, quando eu bebia, no Apaches (do Tororó), Badauê e Xavante", recorda Bel.

Ali perto, na União dos Pescadores, Núcleo da Mariquita, o folclórico Lipoca também anda meio ressabiado com o movimento inédito. "Tradição é tradição", diz o pescador José Roberto Nascimento da Silva, 58 anos, mais conhecido pelo curioso apelido.

Mas a colônia situada em frente ao mercado do Rio Vermelho se mobiliza mesmo é para a festa do grupo que homenageia Iemanjá, sempre no último domingo de janeiro. "A gente faz um religioso, bate o candomblé aqui mesmo e depois vai entregar os presentes". Mas não descarta a companhia dos amigos, na Colônia Z-1. "Mas no sábado de Carnaval, estarei mesmo lá",



Devotos da vaidosa rainha do mar costumam presentear-lá com flores no dia 2 de fevereiro

SINCRETISMO É...

"Sincretismo é a junção de várias religiões. Acho inclusive que essa união já foi bem mais forte na Bahia do que é hoje. Embora todos estejam numa mesma comemoração, é muito fácil identificar quem é católico, quem é do candomblé e quais são os cristãos. Hoje, já existe



Paulo M. Azevedo

Referências históricas

É 2 de fevereiro. Portanto, leques, pós-de-arroz, fitas, flores, sabonetes, pentes, frascos de perfume e, às vezes, brilhantes e anéis de ouro repousam no fundo do... Dique do Tororó. É o que relata Edison Carneiro, em *Religiões negras*, publicado em 1936. De acordo com o historiador, havia também o sincretismo tornando a rainha das águas equivalente a Nossa Senhora do Rosário.

Antes disso, porém, o maranhense Raymundo Nina Rodrigues, um dos precursores da medicina legal no Brasil, escreveu em *Os africanos no Brasil*, ainda no início do século passado, que era Iemanjá a "deusa do Dique, um mimoso lago situado a meio caminho do Rio Vermelho e de que nasce o pequeno Rio Lucaia".

Rodrigues relata ainda que no 2 de fevereiro eram oferecidos presentes à divindade africana em Salvador - no Dique, no Rio Vermelho e na cidade baixa - e na Ilha de Itaparica, em Amoreira.

Mas o gosto pela festa não tem praia certa. Nos primeiros anos do terceiro milênio, Carlos Góes de Araújo, 54 anos, o Carlinhos Barba Branca, já dá os últimos retoques em seu barco de 10m. Pintura sintética branca vai deixar a embarcação brilhando nas águas do Rio Vermelho. "Todo ano eu vou levar o presente. A festa é grande. Agora, teve ano que o bar-

Pescadores querem rito para Iemanjá sem Carnaval

Fotos de Evandro Veiga

Flávio Novaes

O afoxé Filhos de Gandhi estará em maior número na festa de 2008. Antes de seguirem para a avenida, mais homens de branco prometem dar uma passada no largo para saudar a rainha do mar. Meninos e meninas com o abadá do Nana também. Ou mesmo aquele pipoca certo de que o bom mesmo é que a folia fora das cordas dará o seu ar da graça. O 2 de fevereiro do ano que vem será, portanto, inesquecível ao dividir o dia de homenagem a Iemanjá com o sábado de Carnaval.

Jamais houve algo assim. Não há registros no calendário católico de a festa que antecede o início da Quaresma acontecer durante o dia de homenagens à dona das águas. E, pela coincidência, há um burburinho no ar, teme-se que os atos profanos além da conta interfiram na festa. "Vamos respeitar a religiosidade. A extensão do Carnaval em Iemanjá será feita de forma sutil", afirma Reginaldo dos Santos, presidente do Conselho Municipal do Carnaval, dando margem a uma possível descaracterização da festa da enseada no Rio Vermelho. A Em-tursa, empresa municipal de turismo que organiza a festa, promete fazer um pronunciamento oficial amanhã.

O multiartista Carlinhos Brown, que já levou a sua Timbalada e os Zarábe, também promete aparecer em 2008. Blocos afros famosos, como o Olodum, grupos de samba e batucadas, costumam dar um colorido especial à festa, em meio aos presentes que vão chegando dos terreiros de candomblé. A cena se repete durante todo o dia até a saída do barco que leva o chamado "presente principal" dos pescadores para Iemanjá, no cair da tarde. A festa é grande para um pequeno espaço.

Alguns já prometem não aparecer por lá. A possibilidade real de a festa profana ser maior do que a religiosa vai afastar alguns devotos. "Já não gostava daquela mistura. E agora ninguém sabe se vai ser Iemanjá ou Carnaval", afirma a mãe-de-santo Maria Luísa, a mãe Maria do terreiro Ilê Axé la Di, em Fazenda Coutos III. "Vou fazer minhas oferendas dentro do quarto mesmo lá de casa", afirma. "Fazer um balaio lindo, maravilhoso, naquela confusão? Este ano lá vai ser pior, né?", completa.

Enquanto isso, Bel e Zé não admitem nem ouvir falar. Vão dando as costas, fazendo muxoxo. "Trio? Aqui? Hummm". Juntos, somam quase 80 anos de convivência diária com a rainha das águas. E mais uma vez querem o 2 de fevereiro com respeito, barracão, fita de isolamento, fila e exclusividade para quem quer, com fé, depositar o seu presente e fazer a homenagem a Iemanjá.

Não lembram de que, em algum dia, a festa do mar tenha coincidido com a festa do Momo. Mas no sábado de Carnaval, ninguém na Colônia de Pescadores Z-1, de onde saem os balaies para o alto-

Os pescadores, que organizam as homenagens a Iemanjá, querem manter os foliões a distância para preservar as características da festa

mar, quer saber de blocos ou, no caso deles, dos antigos cordões. "Todo ano nós estamos aqui cedo, e a gente quer que estejam os devotos, não os foliões", afirma Norberto Souza, o Bel, 50 anos, 26 de pescaria. "Folião é para lá", aponta para Ondina.

Saudosismo - Ainda sem camisa, pouco depois das 18h, ele acaba de chegar de um pesqueiro próximo a Itapua, onde estava desde as 7h. Enquanto lembra dos primeiros anos de que tem conhecimento da festa, ressalva: "Depois da entrega dos presentes, lá pelas quatro e meia, cinco horas, aí tudo bem. Antes, não".

Bel, 50 anos, concorda. Desde os 13, quando começou a ir para o mar, vê o cortejo sair, participa. De sungão preto, também acaba de chegar e vai logo dizendo. "A gente quer a nossa festa tranqüila, com os presentes e toda a festa bonita. Como sempre foi".

Os dois lembram que houve uma época em que o som dos trios elétricos também ecoava nas ruas estreitas do bairro. Mas não dava certo. "Era muita confusão, as pessoas não podiam nem andar direito, não dá certo, não", diz Zé.

Bel não vai para a avenida porque hoje em dia "a gente nem consegue botar o pé no chão, vai levado". Zé garante que vai aparecer na segunda-feira, para a sua imperdível Mudança do Garcia. Mas já curtiu muito mais. "Ah, se aquele Relógio de São Pedro falasse..." E começam a falar do passado. "Saía no Diplomas de Amaralina e já fui também naquele da Barra, o Jacu", ri e suspira Zé. "Pois eu lembro do meu tempo, quando eu bebia, no Apaches (do Tororó), Badaué e Xavante", recorda Bel.

Ali perto, na União dos Pescadores, Núcleo da Mariquita, o folclórico Lipoca também anda meio ressabiado com o movimento inédito. "Tradição é tradição", diz o pescador José Roberto Nascimento da Silva, 58 anos, mais conhecido pelo curioso apelido.

Mas a colônia situada em frente ao mercado do Rio Vermelho se mobiliza mesmo é para a festa do grupo que homenageia Iemanjá, sempre no último domingo de janeiro. "A gente faz um religioso, bate o candomblé aqui mesmo e depois vai entregar os presentes". Mas não descarta a companhia dos amigos, na Colônia Z-1. "Mas no sábado de Carnaval, estarei mesmo é lá na festa do Rio Vermelho, ajudando meus amigos para levar o presente".



Devotos da vaidosa rainha do mar costumam presentear-lá com flores no dia 2 de fevereiro

Paulo M. Azevedo

SINCRETISMO É...

"Sincretismo é a junção de várias religiões. Acho inclusive que essa união já foi bem mais forte na Bahia do que é hoje. Embora todos estejam numa mesma comemoração, é muito fácil identificar quem é católico, quem é do candomblé e quais são os cristãos. Hoje, já existe uma identificação muito clara. Antigamente, a mistura era mais homogênea".



WALDINGNO SILVA
67 anos,
advogado

Referências históricas

É 2 de fevereiro.

Portanto, leques, pós-de-arroz, fitas, flores, sabonetes, pentes, frascos de perfume e, às vezes, brilhantes e anéis de ouro repousam no fundo do...

Dique do Tororó. É o que relata Edison Carneiro, em *Religiões negras*, publicado em 1936. De acordo com o historiador, havia também o sincretismo tornando a rainha das águas equivalente a Nossa Senhora do Rosário.

Antes disso, porém, o maranhense Raymundo Nina Rodrigues, um dos precursores da medicina legal no Brasil, escreveu em *Os africanos no Brasil*, ainda no início do século passado, que era Iemanjá a "deusa do Dique, um mimoso lago situado a meio caminho do Rio Vermelho e de que nasce o pequeno Rio Lucaia".

Rodrigues relata ainda que no 2 de fevereiro eram oferecidos presentes à divindade africana em Salvador – no Dique, no Rio Vermelho e na cidade baixa – e na Ilha de Itaparica, em Amoreira.

Mas o gosto pela festa não tem praia certa. Nos primeiros anos do terceiro milênio, Carlos Góes de Araújo, 54 anos, o Carlinhos Barba Branca, já dá os últimos retoques em seu barco de 10m. Pintura sintética branca vai deixar a embarcação brilhando nas águas do Rio Vermelho. "Todo ano eu vou levar o presente. A festa é grande. Agora, teve ano que o barco foi comigo e voltou na mão de outro, não lembro de nada".



Festas e lavagens

Em 31 de janeiro de 2008, será aberto oficialmente o reinado de Momo, e Salvador se transforma na capital da maior festa popular do mundo. Faltando apenas dois meses para o Carnaval, que este ano acontece concomitantemente à Festa de Iemanjá, uma série de discussões, com intermédio inclusive do Ministério Público Estadual, tenta conferir à festa a democracia que se alega perdida e a participação efetiva de entidades carnavalescas fundamentais, como os blocos afros. Reunindo 25 segmentos, o Conselho Municipal do Carnaval, criado pela Lei Orgânica do Município, media os debates e assume o papel de propor ações e fiscalizá-las.

Nesta entrevista, o presidente do conselho, Reginaldo Santos, fala sobre como se pretende fortalecer entidades culturais do Carnaval, comenta a beleza e diversidade da festa, a contínua busca pela profissionalização e a necessidade de a cidade cobrar para si o bônus de reunir tanta diversidade e promover uma espetacular celebração, retransmitida e reproduzida mundo afora.



REGINALDO SANTOS

‘Não vamos levar trio para a Festa de Iemanjá’

Mariana Rios

CORREIO DA BAHIA
— Uma das polêmicas do próximo

Carnaval é a ocorrência simultânea com a Festa de Iemanjá. Está prevista alguma atividade carnavalesca para o Rio Vermelho? **REGINALDO SANTOS** — Não vamos levar trio para a Festa de Iemanjá. Estaríamos cometendo um pecado contra a religiosidade. Iemanjá é festa religiosa, tanto que dentro das discussões para o Carnaval, houve uma preocupação grande em não confundir a festa religiosa com a carnavalesca. Ninguém quer isso. Numa das reuniões que tivemos com a participação do presidente da Fundação Gregório de Matos, Paulo Costa, e o professor Jaime Sodré, ouvimos vários esclarecimentos sobre a festa. No dia 1º, no sítio da festa religiosa, cogitou-se a possibilidade de se colocar uma coisa mais light, pop, samba-de-roda, uma coisa mais cultural. Mas os argumentos destes especialistas convenceram de que nada poderia anteceder à festa. Com o esclarecimento tirado dessa discussão, se decidiu que na área da festa de Iemanjá não vai acontecer atividade carnavalesca em si. Teremos apenas alguns pequenos palcos em outros pontos, que não interferem diretamente na festa, após às 20h. A extensão do Carnaval em Iemanjá será de uma forma sutil, como um fórum de manifestações culturais e populares. Acho legal ter na cidade áreas de refúgio. Se o folião não quiser ir para a avenida ou para o Pelourinho, pode ir para o Rio Vermelho em busca de uma coisa mais light, sem som pesado, onde as pessoas podem passear, namorar, conversar. Acho que precisamos incentivar que outras áreas, como a cidade baixa, ofereçam esse diferencial durante o Carnaval.

CB — Uma opção diferente da linha do Carnaval é a festa dos bairros. Como vai ser este ano? **RS** — Não vai ter alteração alguma, nem ampliação, até porque nós temos uma deficiência muito grande do ponto de vista da segurança, por falta de contingente da Polícia Militar — que tem que dar segurança à cidade independentemente da festa. Não dá para ampliar se existe a defasagem de

Então, nós acatamos e obedecemos porque é uma decisão técnica. Continuam os palcos em Pau da Lima, Cajazeiras, Liberdade, Itapuã e Periperi. As atrações ainda serão selecionadas, mas vamos fazer o máximo para satisfazer a exigência do público destes bairros.

CB — Teremos mudanças nos circuitos do Carnaval este ano?

RS — Basicamente, não. O espaço que temos está estabelecido. Os circuitos são os mesmos, apenas o Batatinha (Pelourinho) sofrerá alteração e será ampliado. Ele saía da Rua Chile, contornava ali no Adamastor e retornava. Em 2008, o circuito parte do Taboão — para os blocos efetivamente com permissão — coisa mais né no chão. São blocos que têm participação conjunta dentro do Carnaval do Pelourinho. Estes blocos não desfilam dentro do Pelourinho com equipamentos, como minitrôns. Mas aqueles que tiverem essa programação (com equipamentos) vão passar no Pelourinho e depois vão pegar o minitrôno no Terreiro de Jesus e daí fazer o circuito. O objetivo é ampliar mais o circuito e dar

*‘Acho que o Carnaval é um produto que tem que ser capaz de ser auto-sustentável’.
‘O Carnaval não pode ter partido político. O Carnaval é da cidade, do povo’*

‘Sabemos da importância do Carnaval do trio elétrico, do abadá — que vende, motiva. Mas precisamos cuidar com carinho do Carnaval cultural da cidade’

sunto bastante comentado é a venda da cota de patrocínios do Carnaval pelo publicitário Nizan Guanaes. É um marco para a profissionalização da festa?

RS — Este foi um passo importantíssimo. Na minha opinião, as pessoas devem atuar de acordo com sua capacidade, dentro do mercado, no qual operam. Ter hoje uma empresa que está fazendo a capacitação foi um ganho. É uma empresa bem posicionada no ranking nacional das empresas de propaganda. Tudo isso vem trazendo confiabilidade e segurança às ações do Carnaval. Ao contrário de outros municípios, não temos equipamentos como sambódromos. Não exploramos arquibancadas ou camarotes, e o que se tem é espaço de publicidade (para geração de renda). Acho que o Carnaval é um produto que tem que ser capaz de ser auto-sustentável. Somos um grande palco com interesses enormes. Vários países retransmitem imagens nossas do Carnaval, e isto de forma gratuita. Acho que precisamos trabalhar muito no sentido também da profissionalização sobre este aspecto, para que empresas e emissoras se interessem e efetivamente comprem — como é feito em outros estados do Brasil. E nós aqui ainda não conseguimos isso. Mas acho que vamos conseguir isso. É um pensamento inclusive da nova direção da Emtursa (Empresa de Turismo S/A), que está sendo presidida por Misael Tavares, uma pessoa do mercado, de *bussines*, e que tem uma visão de todos esses anseios que temos. Mas temos que fazer isso na medida do interesse do negócio Carnaval, não tem que impor. Existem emissoras que anunciam transmissão para inúmeros países. É interessante? É, porque soma na divulgação e no contexto geral da instituição da festa. Mas precisa que isso seja tratada como negócio também. Outra coisa: não concordo e não gosto de ver propagandas de que o município estava exportando o Carnaval para a Espanha. Não temos

de pegar nosso produto, nosso artista e levar para lá, sem nenhum retorno para a cidade. A cidade ganha muito mais se estas pessoas vierem, promovendo turismo e crescimento socioeconômico.

CB — Os blocos afros terão espaço nesta festa mais profissional, já que existe a dificuldade de captação e de repasse para este segmento?

RS — Temos aqui hoje (na casa 12, no Largo do Pelourinho), o cadastramento dos blocos afros (escalonado com os de índio, samba, reggae e afoxés), que vão ser subsidiados pelo governo do estado, via Secretaria de Cultura (Secult). Estamos organizando este ano, junto com os órgãos governamentais, este cadastro para que os blocos se credenciem e possam receber subsídio. Lógico que não vai ser substancial, mas a ideia é que voltemos a estabelecer o Carnaval cultural da cidade. Sabemos da importância do Carnaval do trio elétrico, do abadá — que vende, motiva. Mas precisamos cuidar com carinho do Carnaval cultural da cidade, que é feito por essas entidades, algumas notórias e tantas outras que têm tudo para co-

tornar entidade de porte. Estamos buscando começar um processo diferente para posicionar essas entidades para que tenhamos um produto cultural carnavalesco estabelecido. Eles são, sem dúvida, os responsáveis pela plasticidade, beleza, além da representatividade cultural. Nós acreditamos que vamos ter, em 2009, o Carnaval cultural mais fortalecido. A festa baiana representa muito para o país e não temos esse apoio. Em Salvador, temos a presença tímida do governo federal. O Carnaval não pode ter partido político. O Carnaval é da cidade, do povo.

CB — Voltando à questão dos afros, o Ministério Público Estadual (MPE) recomendou que o repasse seja feito diretamente aos blocos para facilitar as prestações de contas. O cadastramento é o primeiro passo neste sentido?

RS — O MPE tem se posicionado sim. Numa das gestões anteriores, foi imposta a essas entidades a condição de virarem empresa e então, entidades em fins lucrativos foram transformadas em empresas, emitindo registro e motivando a cobrança de impostos municipais. Criou-se uma situação de débito e dívidas, já que elas são quase familiares, das comunidades.

entidade guardachuva, que recebia o dinheiro e distribuía para as demais filiadas. O ideal é que cada entidade que esteja estruturada possa se gerenciar, resolver o problema diretamente, ficar numa posição de responsabilidade, com prestação de contas, dentro de um contexto de gerenciamento próprio. E isso estamos começando agora. Quem efetivamente deve porque é bloco-empresa tem realmente que se resolver e pagar seus débitos. Mas entidades que são sem fins lucrativos, que precisam do dinheiro público, que só vêm ao Carnaval por essa condição, que impostos podem pagar se recebem subsídio do próprio governo?

CB — Quantas entidades deste tipo existem e estão credenciadas no conselho?

RS — Temos só, no circuito Batatinha, cem entidades culturais carnavalescas. No todo, acredito que temos 140 a 150 entidades. Isto tudo muito bem trabalhado, estruturado e organizado, é um belo produto para a cidade, para o turista e para os governos.

CB — E quanto aos artistas independentes, qual será o espaço, quantos serão contratados?

RS — Desde 1993 que começou essa coisa mais efetiva de contratar artistas. Em 1994, nós criamos o concurso público através do conselho, que, durante alguns anos, efetivamente foi feito. Depois passaram a não contratar e apenas oferecer aos artistas o palco e a carta que habilitava o cantor a buscar o patrocínio — medida da qual discordo. Tivemos uma reunião na última segunda-feira com o conselho, MPE, Secult e

Emtursa para discutir sobre os critérios da seleção pública. Por edital, via secretaria, não dá mais tempo e por isso o conselho vai fazer a seleção. Temos os parâmetros e vamos definir junto com os sindicatos os critérios de seleção para os notórios — que seja, discografia, posicionamento na mídia, para termos parâmetros para contratação. Para os emergentes, vamos fazer pro-

‘Não temos que exportar nada. Temos que trazer os espanhóis para cá. Nada de pegar nosso produto, nosso artista e levar para lá, sem nenhum retorno para a cidade’

destes artistas quanto ao horário disponibilizado para o desfile...

RS — O que mais temos é atração no Carnaval. Não dá para um artista desses sair entre dois grandes blocos. O que acontece? As pessoas estão voltadas para as grandes atrações e com certeza não vão vê-los. Então queremos

próprios onde eles sejam a atração e possam ser vistos. Estamos trabalhando na questão do horário. Mas 1h da manhã na Barra é um grande horário, do ponto de vista de público. Questionam sobre a veiculação na TV, mas ela só mostra o que interessa a ela. Se aquele artista interessa, ele pode passar de madrugada que a TV registra e passa no outro dia de manhã. A preocupação nossa é de que o artista não saia num horário arrastando lata nem se encontrando com a Vega (empresa responsável pela limpeza pública), às 6h.

CB — Outro questionamento, é sobre o loteamento das ruas da cidade pelos grandes blocos. O MPE chegou a sugerir uma limitação do número de foliões. **RS** — O conselho não pode fazer isso, não conheço nenhuma lei que permita. Como vamos saber, num bloco de Carnaval, sobre a planilha, quanto é que este bloco custa para ir à rua? Ele vai ter que diluir seu custo e margem de lucro no número de pessoas que ele vai colocar no bloco. Acho que o número fica complicado para o conselho definir, porque vai interferir no negócio. O município, o gestor do espaço público, tem o domínio. Para tentar ordenar, criamos o código de ética e das infrações no ano passado, que prevê punições, inclusive. Foi feito um trabalho junto às entidades, elas foram visitadas, teve termo de compromisso para que os blocos assinassem. Isso já foi uma mudança significativa. Pretendemos implantar este ano, na área dos camarotes da Barra, onde os trios param e ficam um certo tempo estacionados, uma placa com o tempo que podem permanecer ali.

mentos disponíveis e vagas que vamos ter. A Emtursa está levantando, mas devem ser cerca de dez trios. Mas podemos ter mais, porque a demanda é muito grande. A dificuldade que temos hoje é o próprio espaço físico para colocar estes trios. Teremos 50% de artistas emergentes e 50% de profissionais notórios.

CB — Existem reclamações

Em 31 de janeiro de 2008, será aberto oficialmente o reinado de Momo, e Salvador se transforma na capital da maior festa popular do mundo. Faltando apenas dois meses para o Carnaval, que este ano acontece concomitantemente à Festa de Iemanjá, uma série de discussões, com intermédio inclusive do Ministério Público Estadual, tenta conferir à festa a democracia que se alega perdida e a participação efetiva de entidades carnavalescas fundamentais, como os blocos afros. Reunindo 25 segmentos, o Conselho Municipal do Carnaval, criado pela Lei Orgânica do Município, media os debates e assume o papel de propor ações e fiscalizá-las. Nesta entrevista, o presidente do conselho, Reginaldo Santos, fala sobre como se pretende fortalecer entidades culturais do Carnaval, comenta a beleza e diversidade da festa, a contínua busca pela profissionalização e a necessidade de a cidade cobrar para si o bônus de reunir tanta diversidade e promover uma espetacular celebração, retransmitida e reproduzida mundo afora.



‘Não vamos levar trio para a Festa de Iemanjá’

Mariana Rios

CORREIO DA BAHIA
— Uma das polêmicas do próximo Carnaval é a ocorrência simultânea com a Festa de Iemanjá. Está prevista alguma atividade carnavalesca para o Rio Vermelho?

REGINALDO SANTOS — Não vamos levar trio para a Festa de Iemanjá. Estaríamos cometendo um pecado contra a religiosidade. Iemanjá é festa religiosa, tanto que dentro das discussões para o Carnaval, houve uma preocupação grande em não confundir a festa religiosa com a carnavalesca. Ninguém quer isso. Numa das reuniões que tivemos com a participação do presidente da Fundação Gregório de Matos, Paulo Costa, e o professor Jaime Sodré, ouvimos vários esclarecimentos sobre a festa. No dia 1º, no sítio da festa religiosa, cogitou-se a possibilidade de se colocar uma coisa mais light, pop, samba-de-roda, uma coisa mais cultural. Mas os argumentos destes especialistas convenceram de que nada poderia anteceder à festa. Com o esclarecimento tirado dessa discussão, se decidiu que na área da festa de Iemanjá não vai acontecer atividade carnavalesca em si. Teremos apenas alguns pequenos palcos em outros pontos, que não interferem diretamente na festa, após às 20h. A extensão do Carnaval em Iemanjá será de uma forma sutil, como um fórum de manifestações culturais e populares. Acho legal ter na cidade áreas de refúgio. Se o folião não quiser ir para a avenida ou para o Pelourinho, pode ir para o Rio Vermelho em busca de uma coisa mais light, sem som pesado, onde as pessoas podem passear, namorar, conversar. Acho que precisamos incentivar que outras áreas, como a cidade baixa, ofereçam esse diferencial durante o Carnaval.

CB — Uma opção diferente da linha do Carnaval é a festa dos bairros. Como vai ser este ano?
RS — Não vai ter alteração alguma, nem ampliação, até porque nós temos uma deficiência muito grande do ponto de vista da segurança, por falta de contingente da Polícia Militar — que tem que dar segurança à cidade independentemente da festa. Não dá para ampliar se existe a defasagem de PMs. A PM, que integra o conselho, recomendou que o Carnaval nos bairros não fosse ampliado.

‘Acho que o Carnaval é um produto que tem que ser capaz de ser auto-sustentável’. ‘O Carnaval não pode ter partido político. O Carnaval é da cidade, do povo’

‘Sabemos da importância do Carnaval do trio elétrico, do abadá — que vende, motiva. Mas precisamos cuidar com carinho do Carnaval cultural da cidade’

Então, nós acatamos e obedecemos porque é uma decisão técnica. Continuam os palcos em Pau da Lima, Cajazeiras, Liberdade, Itapuã e Periperi. As atrações ainda serão selecionadas, mas vamos fazer o máximo para satisfazer a exigência do público destes bairros.

CB — Teremos mudanças nos circuitos do Carnaval este ano?

RS — Basicamente, não. O espaço que temos está estabelecido. Os circuitos são os mesmos, apenas o Batatinha (Pelourinho) sofrerá alteração e será ampliado. Ele saía da Rua Chile, contornava ali no Adamastor e retornava. Em 2008, o circuito parte do Taboão — para os blocos efetivamente com percussão, coisa mais pé no chão. São blocos que têm participação conjunta dentro do Carnaval do Pelourinho. Estes blocos não desfilam dentro do Pelourinho com equipamentos, como minitrios. Mas aqueles que tiveram essa programação (com equipamentos) vão passar no Pelourinho e depois vão pegar o minitrio no Terreiro de Jesus e daí fazer o circuito. O objetivo é ampliar mais o circuito e dar uma movimentação maior ao Pelourinho, aos blocos que atendem às características do Carnaval neste local. Estamos somando ao que já existia. E é o que precisamos: de mais espaços para manifestações populares. O Batatinha tem boa assiduidade, é de onde saem blocos grandes como Ilê Aiyê, Filhos de Gandhi, Muzenza, Malê. E tem os blocos que não são apenas do Batatinha:

desfilam no Pelourinho e pegam o contrafluxo, pela Carlos Gomes, e vão para o Campo Grande. Então, teremos o Batatinha propriamente dito, somado aos blocos que saem do circuito Batatinha e que fazem o Campo Grande.

CB — De que forma o tema deste ano, que é a capoeira, vai ser trabalhado?
RS — Este tema foi contemplado quando assumimos o conselho no mês de maio. Existia uma idéia de que fosse este tema, mas recebemos várias outras propostas. En-

tão, encaminhamos todas para consulta popular pela internet e a capoeira foi a escolhida pela vontade popular. O tema vai fazer parte da programação visual para inserção das marcas, teremos o Bloco da Capoeira que sai abrindo os circuitos, algumas vezes com a participação de Tonho Matéria — um dos caras que batalharam para este tema.

CB — Outro assunto bastante comentado é a venda da cota de patrocínios do Carnaval pelo publicitário Nizan Guanaes. É um marco para a profissionalização da festa?

RS — Este foi um passo importantíssimo. Na minha opinião, as pessoas devem atuar de acordo com sua capacidade, dentro do mercado no qual operam. Ter hoje uma empresa que está fazendo a capacitação foi um ganho. É uma empresa bem posicionada no ranking nacional das empresas de propaganda. Tudo isso vem trazendo confiabilidade e segurança às ações do Carnaval. Ao contrário de outros municípios, não temos equipamentos como sambódromos. Não exploramos arquibancadas ou camarotes, e o que se tem é espaço de publicidade (para geração de renda). Acho que o Carnaval é um produto que tem que ser capaz de ser auto-sustentável. Somos um grande palco com interesses enormes. Vários países retransmitem imagens nossas do Carnaval, e isto de forma gratuita. Acho que precisamos trabalhar muito no sentido também da profissionalização sobre este aspecto, para que empresas e emissoras se interessem e efetivamente comprem — como é feito em outros estados do Brasil. E nós aqui ainda não conseguimos isso. Mas acho que vamos conseguir isso. É um pensamento inclusive da nova direção da Emtursa (Empresa de Turismo S/A), que está sendo presidida por Misael Tavares, uma pessoa do mercado, de *bussines*, e que tem uma visão de todos esses anseios que temos. Mas temos que fazer isso na medida do interesse do negócio Carnaval, não tem que impor. Existem emissoras que anunciam transmissão para inúmeros países. É interessante? É, porque soma na divulgação e no contexto geral da instituição da festa. Mas precisa que isso seja tratada como negócio também. Outra coisa: não concordo e não gosto de ver propagandas de que o município estava exportando o Carnaval para a Espanha. Não temos que exportar nada. Temos que trazer os espanhóis para cá. Nada

de pegar nosso produto, nosso artista e levar para lá, sem nenhum retorno para a cidade. A cidade ganha muito mais se estas pessoas vierem, promovendo turismo e crescimento socioeconômico.

CB — Os blocos afros terão espaço nesta festa mais profissional, já que existe a dificuldade de captação e de repasse para este segmento?

RS — Temos aqui hoje (na casa 12, no Largo do Pelourinho), o cadastramento dos blocos afros (escalonado com os de índio, samba, reggae e afros), que vão ser subsidiados pelo governo do estado, via Secretaria de Cultura (Secult). Estamos organizando este ano, junto com os órgãos governamentais, este cadastro para que os blocos se credenciem e possam receber subsídio. Lógico que não vai ser substancial, mas a idéia é que voltemos a estabelecer o Carnaval cultural da cidade. Sabemos da importância do Carnaval do trio elétrico, do abadá — que vende, motiva. Mas precisamos cuidar com carinho do Carnaval cultural da cidade, que é feito por essas entidades, algumas notórias e tantas outras que têm tudo para se tornar entidade de porte. Estamos buscando começar um processo diferente para posicionar essas entidades para que tenhamos um produto cultural carnavalesco estabelecido. Eles são, sem dúvida, os responsáveis pela plasticidade, beleza, além da representatividade cultural. Nós acreditamos que vamos ter, em 2009, o Carnaval cultural mais fortalecido. A festa baiana representa muito para o país e não temos esse apoio. Em Salva-

dor, temos a presença tímida do governo federal. O Carnaval não pode ter partido político. O Carnaval é da cidade, do povo.

CB — Voltando à questão dos afros, o Ministério Público Estadual (MPE) recomendou que o repasse seja feito diretamente aos blocos para facilitar as prestações de contas. O cadastramento é o primeiro passo neste sentido?

RS — O MPE tem se posicionado sim. Numa das gestões anteriores, foi imposta a essas entidades a condição de virarem empresa e então, entidades em fins lucrativos foram transformadas em empresas, emitindo registro e motivando a cobrança de impostos municipais. Criou-se uma situação de débito e dívidas, já que elas são quase familiares, das comunidades. Todo ano se tentava resolver este impasse, por exemplo, com uma

entidade guarda-chuva, que recebia o dinheiro e distribuía para as demais filiadas. O ideal é que cada entidade que esteja estruturada possa se gerenciar, resolver o problema diretamente, ficar numa posição de responsabilidade, com prestação de contas, dentro de um contexto de gerenciamento próprio. E isso estamos começando agora. Quem efetivamente deve porque é bloco-empresa tem realmente que se resolver e pagar seus débitos. Mas entidades que são sem fins lucrativos, que precisam do dinheiro público, que só vêm ao Carnaval por essa condição, que impostos podem pagar se recebem subsídio do próprio governo?

CB — Quantas entidades deste tipo existem e estão credenciadas no conselho?
RS — Temos só, no circuito Batatinha, cem entidades culturais carnavalescas. No todo, acredito que temos 140 a 150 entidades. Isto tudo muito bem trabalhado, estruturado e organizado, é um belo produto para a cidade, para o turista e para os governos.

CB — E quanto aos artistas independentes, qual será o espaço, quantos serão contratados?
RS — Desde 1993 que começou essa coisa mais efetiva de contratar artistas. Em 1994, nós criamos o concurso público através do conselho, que, durante alguns anos, efetivamente foi feito. Depois passaram a não contratar e apenas oferecer aos artistas o palco e a carta que habilitava o cantor a buscar o patrocínio — medida da qual discordo. Tivemos uma reunião na última segunda-feira com o conselho, MPE, Secult e

Emtursa para discutir sobre os critérios da seleção pública. Por edital, via secretaria, não dá mais tempo e por isso o conselho vai fazer a seleção. Temos os parâmetros e vamos definir junto com os sindicatos os critérios de seleção para os notórios — que seja, discografia, posicionamento na mídia, para termos parâmetros para contratação. Para os emergentes, vamos fazer processo de curadoria e escolher de acordo com o número de equipa-

mentos disponíveis e vagas que vamos ter. A Emtursa está levantando, mas devem ser cerca de dez trios. Mas podemos ter mais, porque a demanda é muito grande. A dificuldade que temos hoje é o próprio espaço físico para colocar estes trios. Teremos 50% de artistas emergentes e 50% de profissionais notórios.

CB — Existem reclamações destes artistas quanto ao horário disponibilizado para o desfile...
RS — O que mais temos é atração no Carnaval. Não dá para um artista desses sair entre dois grandes blocos. O que acontece? As pessoas estão voltadas para as grandes atrações e com certeza não vão vê-los. Então queremos possibilitar aos notórios espaços próprios onde eles sejam a atração e possam ser vistos. Estamos trabalhando na questão do horário. Mas 1h da manhã na Barra é um grande horário, do ponto de vista de público. Questionam sobre a veiculação na TV, mas ela só mostra o que interessa a ela. Se aquele artista interessa, ele pode passar de madrugada que a TV registra e passa no outro dia de manhã. A preocupação nossa é de que o artista não saia num horário arrastando lata nem se encontrando com a Vega (empresa responsável pela limpeza pública), às 6h.

CB — Outro questionamento, é sobre o loteamento das ruas da cidade pelos grandes blocos. O MPE chegou a sugerir uma limitação do número de foliões.
RS — O conselho não pode fazer isso, não conhece nenhuma lei que permita. Como vamos saber, num bloco de Carnaval, sobre a planilha, quanto é que este bloco custa para ir à rua? Ele vai ter que diluir seu custo e margem de lucro no número de pessoas que ele vai colocar no bloco. Acho que o número fica complicado para o conselho definir, porque vai interferir no negócio. O município, o gestor do espaço público, tem o domínio. Para tentar ordenar, criamos o código de ética e das infrações no ano passado, que prevê punições, inclusive. Foi feito um trabalho junto às entidades, elas foram visitadas, teve termo de compromisso para que os blocos assinassem. Isso já foi uma mudança significativa. Pretendemos implantar este ano, na área dos camarotes da Barra, onde os trios param e ficam um certo tempo estacionados, uma placa com o tempo que podem permanecer ali. Se não cumprirem, estarão sujeitos a alguma penalidade.

‘Não temos que exportar nada. Temos que trazer os espanhóis para cá. Nada de pegar nosso produto, nosso artista e levar para lá, sem nenhum retorno para a cidade’

‘A PM, que integra o conselho, recomendou que o Carnaval nos bairros não fosse ampliado. Então, nós acatamos e obedecemos porque é uma decisão técnica’



Festas e lavagens

Festa do coração

BONFIM

"A FESTA do Bonfim. Eu sou católica fervorosa e admiro muito a manifestação religiosa que acontece rumo à Sagrada Colina. Fico doente quando não consigo ir por conta do trabalho. Costumo participar de uma caminhada que sai de Cajazeiras, onde moro, até o Bonfim. É um momento de fé muito bonito e que reúne milhares de pessoas de todos os cantos da Bahia e do mundo".

CARLA MÁXIMO,
25 anos, secretária



Antonio Saturnino



Claudionor Júnior

CARNAVAL-NAMORO

"CARNAVAL. Eu acho maravilhosa esta festa que traz gente de todo o mundo. É uma farra gostosa, onde a gente namora, conhece gente nova, dança, pula e se diverte. Meu pai coloca barraca na rua e venho para a folia todos os dias. Para mim, não existe festa melhor que a farra do Carnaval. Deveria ser mais de uma semana porque é bom demais. Eu amo Carnaval e vou sempre curtir".

KATE RAMOS,
16 anos, estudante do ensino médio



Antonio Saturnino



Evandro Veiga

CARNAVAL-PIPOCA



Paulo M. Azevedo



Antonio Saturnino

"CARNAVAL é a melhor festa do mundo. Milhares de pessoas nas ruas atrás dos trios e das bandas. Quem pode pagar sai nos blocos ou vai para os camarotes. Quem não pode fica na pipoca. Embora o espaço esteja escasso, é um momento em que todos podem se divertir, independentemente de cor e classe social. Adoro e não abro mão de participar. Todos os anos estou na rua curtindo".

FABIANA DOS SANTOS,
28 anos, acompanhante de idoso

CARNAVAL-BLOCOS

"CARNAVAL, mas somente dentro dos blocos. As festas de largo se tornaram muito ruins, cheias de violência e sem nenhuma proteção para quem vai curtir. Depois que fui para uma e recebi uma garrafada, não vou para mais nenhuma. Carnaval é violento, mas as festas de largo são ainda mais. Por mim, cortavam todas e deixavam apenas o Carnaval".

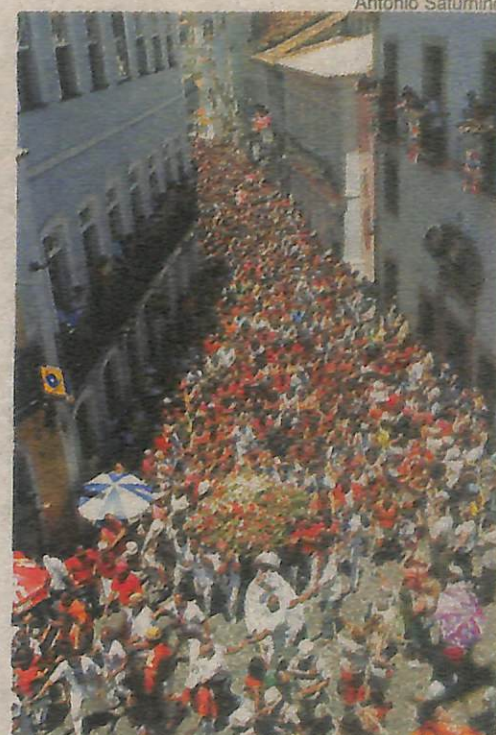
JUCELINO SILVA



Antonio Saturnino



Paulo M. Azevedo



Antonio Saturnino

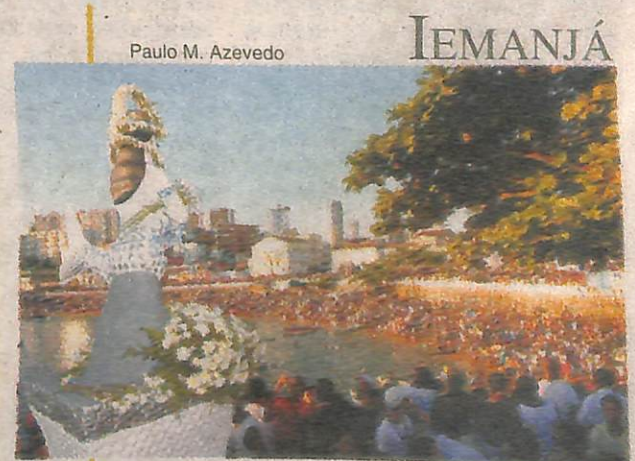
SANTA BÁRBARA

"Minha maravilhosa Santa Bárbara. Eu sou devota dela por ser uma santa muito poderosa. Todo ano participo da homenagem. Só acho que a festa vai sofrer alguns impactos por conta da crise vivida pelo Centro Histórico, afinal a festa percorre as ruas do Pelourinho. Lamento muito porque a homenagem é belíssima, e Santa Bárbara merece uma comemoração à altura".



Antonio Saturnino

IVANA SANTOS,
29 anos, professora



Paulo M. Azevedo

IEMANJÁ

"Gosto mesmo é do 2 de fevereiro, a festa da rainha do mar, Iemanjá. Aquela homenagem é muito bonita, a entrega dos presentes, a fé das pessoas, dos pescadores. É uma coisa diferente que só os baianos fazem. Considero um momento mágico, de uma energia maravilhosa. Com certeza, é a festa popular mais bonita de ver e também um momento muito bom para curtir a folia".



Antonio Saturnino

Festa do coração

BONFIM

Claudionor Júnior

"A FESTA do Bonfim. Eu sou católica fervorosa e admiro muito a manifestação religiosa que acontece rumo à Sagrada Colina. Fico doente quando não consigo ir por conta do trabalho. Costumo participar de uma caminhada que sai de Cajazeiras, onde moro, até o Bonfim. É um momento de fé muito bonito e que reúne milhares de pessoas de todos os cantos da Bahia e do mundo".

CARLA MÁXIMO,
25 anos, secretária



Antonio Saturnino



SANTA BÁRBARA

Antonio Saturnino

"Minha maravilhosa Santa Bárbara. Eu sou devota dela por ser uma santa muito poderosa. Todo ano participo da homenagem. Só acho que a festa vai sofrer alguns impactos por conta da crise vivida pelo Centro Histórico, afinal a festa percorre as ruas do Pelourinho. Lamento muito porque a homenagem é belíssima, e Santa Bárbara merece uma comemoração à altura".



IVANA SANTOS,
29 anos, professora

CARNAVAL-NAMORO

Evandro Veiga

"CARNAVAL. Eu acho maravilhosa esta festa que traz gente de todo o mundo. É uma farra gostosa, onde a gente namora, conhece gente nova, dança, pula e se diverte. Meu pai coloca barraca na rua e venho para a folia todos os dias. Para mim, não existe festa melhor que a farra do Carnaval. Deveria ser mais de uma semana porque é bom demais. Eu amo Carnaval e vou sempre curtir".

KATE RAMOS,
16 anos, estudante do ensino médio



Antonio Saturnino



CARNAVAL-PIPOCA

Antonio Saturnino

"CARNAVAL é a melhor festa do mundo. Milhares de pessoas nas ruas atrás dos trios e das bandas. Quem pode pagar sai nos blocos ou vai para os camarotes. Quem não pode fica na pipoca. Embora o espaço esteja escasso, é um momento em que todos podem se divertir, independentemente de cor e classe social. Adoro e não abro mão de participar. Todos os anos estou na rua curtindo".

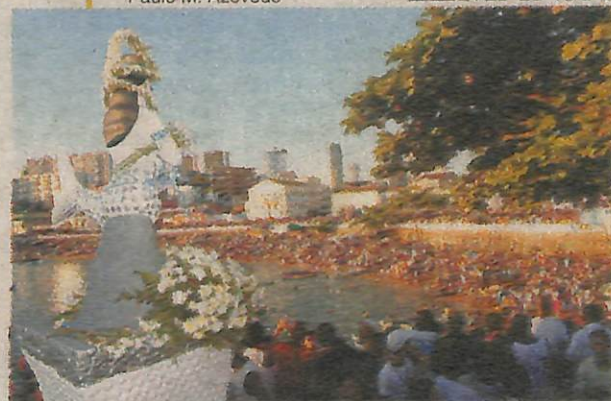
FABIANA DOS SANTOS,
28 anos, acompanhante de idoso



Paulo M. Azevedo

IEMANJÁ

Paulo M. Azevedo



"Gosto mesmo é do 2 de fevereiro, a festa da rainha do mar, Iemanjá. Aquela homenagem é muito bonita, a entrega dos presentes, a fé das pessoas, dos pescadores. É uma coisa diferente que só os baianos fazem. Considero um momento mágico, de uma energia maravilhosa. Com certeza, é a festa popular mais bonita de ver e também um momento muito bom para curtir a folia".



PATRÍCIA SILVA,
32 anos, dona de casa

CARNAVAL-BLOCOS

Paulo M. Azevedo

"CARNAVAL, mas somente dentro dos blocos. As festas de largo se tornaram muito ruins, cheias de violência e sem nenhuma proteção para quem vai curtir. Depois que fui para uma e recebi uma garrafada, não vou para mais nenhuma. Carnaval é violento, mas as festas de largo são ainda mais. Por mim, cortavam todas e deixavam apenas o Carnaval".

JUCELINO SILVA,
31 anos, taxista



Antonio Saturnino

